



WORLD OF BEASTS

RAV

VICTORIA A.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Copyright © 2024 Victoria A.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução, comercialização, distribuição ou impressão de qualquer parte desta obra sem a autorização da autora. Os direitos são regulados pela Lei nº 9.610/98 e sua violação configuram crime previsto no artigo 184 do Código Penal.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas é mera coincidência.

Está é uma publicação independente.
1º edição – Maio 2024

Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

Para todas as garotas que sonham
viver em outro universo.

Nota da autora

Hey, como estão?

Espero que bem.

Quando decidi escrever essa história estava saindo da pandemia, me aventurando de volta no mundo da escrita, me encontrei novamente através da saga World of Beasts que mantive escondida a sete chaves até então e nem consigo acreditar que realmente conseguir terminá-lo depois de dois anos parada.

Eu amo esse universo que criei e espero que vocês se apaixonem junto comigo.

Sim! Eu sei, é uma história curta e todos os livros da saga serão assim, por que o intuito é que sejam em formato de "contos" para uma leitura rápida, proveitosa e cheia de clichês.

Espero que gostem!

Sinopse

Quando Chloe atravessou o Central Park na expectativa de chegar ao abrigo antes que escurecesse, ela jamais imaginaria que toda a sua vida viraria de cabeça para baixo quando caiu em um buraco e foi parar em um universo semelhante à terra, onde seres metade humanos e metade animais são muito reais. Agora, ela deve sobreviver ao lado de um homem-pássaro que afirma que ela pertence ao seu ninho.

Prólogo

Inspirei o ar, de alguma forma o oxigênio parecia diferente, mais puro e limpo. Algo que nunca havia respirado em toda a minha vida, com certeza não nas ruas de Nova York, muito menos no Central Park. Era como se o lugar nunca houvesse sentido o toque perverso de um ser humano. As árvores também pareciam maiores, com raízes mais profundas e caules mais grossos, os galhos e as folhas iam tão alto que impediam a luz do sol de chegar ao chão.

Definitivamente, não era o Central Park.

Eu estava apenas tentando cortar caminho pelo parque para chegar ao abrigo antes que anoitecesse, quando o chão desapareceu debaixo dos meus pés e caí em um buraco, então quando acordei, parecia que havia chegado a outro lugar.

— Que diabos, Chloe! — murmurei, sozinha.

Não sabia há quanto tempo estava caminhando, minhas pernas pareciam dormentes, a temperatura do lugar havia aumentado drasticamente e não havia sinal de nenhum homem ou mulher naquele lugar, estava feliz com a ideia de até encontrar um cachorro.

Meu único desejo era ter um lugar decente para dormir, não estava nos meus planos de infância me tornar uma morada de rua, mas desde que havia sido expulsa de casa há quatro anos, não tive outra opção a não ser viajar pelas cidades em busca de um lugar seguro.

Esfreguei o rosto, sentindo a frustração tomar conta de mim ao imaginar os seguranças do parque me encontrando perdida.

Eles provavelmente pensariam que era uma drogada, não conseguia entender onde havia errado.

As lágrimas começaram a se formar em meus olhos, frustrada, deixei a mochila pesada cair aos meus pés e me joguei no chão ao seu lado.

Ignorando todos os meus instintos de preservação, decidi que a melhor coisa a se fazer naquele momento era dormir.

Encostei minha cabeça na mochila, em busca de uma melhor posição para descansar e fiquei feliz por nenhuma formiga ainda ter me mordido.

Não demorou muito tempo para que caísse em um sono profundo.

1

Havia algo deslizando pelo meu rosto.

Estava tão cansada que não tive coragem de me mover para espantá-lo, talvez, fosse apenas um inseto me usando como passagem ou uma folha, não me importava, apenas queria dormir e me livrar da sensação de estar perdida.

O toque se tornou algo maior, como um deslizar de dedos pelos meus cabelos, era um gesto carinhoso e aquilo me deixou paralisada por alguns segundos.

Tentei reconhecer as coisas ao meu redor sem me mover, a mochila ainda estava debaixo da minha cabeça e todas as minhas roupas pareciam estar no lugar, o que quer que fosse, ainda não havia tentando me machucar.

Senti uma respiração perto do meu pescoço, como se alguém estivesse me cheirando.

Não tive coragem de abrir os olhos para descobrir o que era.

Então, o toque começou a se tornar mais ousado, deslizando pelo meu pescoço até chegar aos meus seios, meu corpo endureceu automaticamente, o que o fez parar.

Tudo que conseguia escutar era uma respiração pesada, como se fosse um predador em cima de mim, poderia ser um cachorro?

Porra, mas cachorros não tinham dedos!

— Não! — gritei, ao sentir um fungar perto da minha virilha.

Acabei desferindo um tapa tão forte que jurei ter ouvido um osso meu estalar, a dor me fez abrir os olhos e me sentar.

Desespero correu pelo meu sangue ao imaginar que um homem louco estava tentando abusar de mim, a realização de que estava sozinha e sem algo para me defender, me fez levantar num salto.

Olhei ao redor em busca do homem que estava me assediando.

— Isso não tem graça, idiota — gritei.

A floresta parecia mais clara dessa vez, o que me fez questionar por quanto tempo estive dormindo e quanto tempo estive

andando por esse lugar, era como se as horas estivessem passando de uma maneira diferente.

Estava anoitecendo, eu tinha certeza disso.

Não poderia ter dormido tanto para que os raios de sol fossem tão fortes, droga, eu não estava no Alasca.

Tudo que podia esperar era que não estivesse ficando louca.

Busquei entre as árvores qualquer coisa que me dissesse estar certa e não eram apenas invenções da minha cabeça o que senti.

Havia outra pessoa naquela floresta.

Olhei ao redor, esperando encontrar alguém, mas a única coisa que vi foram às árvores. Mas, a sensação de ser observada não me abandonou.

De repente, um barulho acima de mim ecoou.

Levantei a cabeça devagar, sentindo o medo me corroer enquanto olhava para a copa das árvores. Demorei algum tempo para encontrá-lo, mas quando o vi, tudo ao meu redor parou.

Era um homem e, ao mesmo tempo, não era.

Estava apenas a alguns metros acima de mim, escondido entre os galhos grossos, a primeira coisa que percebi foram os seus olhos brilhando num amarelo vivo, a curiosidade em seu rosto bonito me fazendo estremecer. Depois, percebi a cor de sua pele, eram de um tom muito pálido, quase translúcido, os cabelos eram longos, mas de um vermelho muito vivo, cor de sangue.

O homem estranho se abaixou ainda mais, parecendo estar pendurado de cabeça para baixo e virou a cabeça de lado.

— Olá — ele disse, revelando um sorriso cheio de presas.

Eu gritei.

O terror me invadiu quando vi que havia asas em suas costas e seus pés pareciam uma versão muito maior do que, os de uma ave de rapina.

O som do grito de uma águia parecia ecoar por entre as árvores, era um som muito alto e agudo, não parecia exatamente de uma águia, mas foi o único animal que consegui associar naquele instante de desespero.

Sequer o vi chegando enquanto corria pela minha vida, um grito de puro terror ficou preso na minha garganta quando algo caiu

na minha frente a apenas alguns centímetros de mim como uma bomba.

A primeira coisa que vi foi um peito musculoso, a pele num tom castanho-avermelhado, como a de um nativo-americano.

Olhei para cima, percebendo o quão alto era, deveria ter mais de 2,20 cm de altura.

— Merda! — sussurrei, em pânico.

Dei um passo para trás, percebendo que essa não era a pior parte.

No lugar de pés humanos estavam o que pareciam ser pés de águias enormes cobertos de pelo preto e seus tornozelos eram dobrados para trás, as coxas eram grossas, assim como o resto de seu corpo parecia uma construção maciça de músculos. E ele tinha asas, asas enormes e marrons, que por apenas alguns centímetros não se arrastavam no chão.

A parte mais bizarra era que seu rosto era incrivelmente bonito, seus olhos eram tão claros que quase pareciam brancos, as sobrancelhas grossas e escuras, os lábios cheios, mandíbula marcada e o cabelo longo preto, possuía alguns adereços coloridos.

Eu me encolhi quando o ser humanóide deu um passo à frente, estava assustada demais para sequer me mover.

— Calma, Chloe, isso é apenas um sonho — murmurei para mim mesma, batendo em meu rosto numa tentativa estúpida de me acordar.

Nada aconteceu, pelo contrário, o outro homem-pássaro saiu de algum lugar para mostrar que aquela merda era muito real. Ao contrário do homem-pássaro de asas escuras, o outro possuía asas vermelhas e amarelas, sendo colorido como uma maldita arara.

— Que porra! — gritei.

Os homens pássaros se viraram um contra o outro, as asas se abrindo, como numa tentativa de parecerem maiores e mais ameaçadores.

— Ela é minha! — o humanóide de cabelos vermelhos gritou — eu a vi primeiro, Rizan.

O de asas marrons soltou um grito agudo, soando como uma ameaça para os meus ouvidos humanos e fiquei agradecida por não

ser o alvo de seu ódio.

Ele parecia louco.

Suas asas se bateram com muita força, atingindo o meu peito e eu caí sentada, observando o ser de asas escuras decolar.

As garras dos pés se abriram, avançando na direção de asas coloridas.

Eles colidiram um contra o outro.

O som de garras se chocando e pele rasgando me fizeram querer vomitar.

Foi apenas naquele instante que meu corpo me obedeceu, me levantei tão rápido que tropecei em meus próprios pés. Comecei a correr na direção oposta à luta, passando por entre as árvores sem ter ideia de onde estava indo, tarde demais me lembrei da minha mochila. De jeito nenhum estaria voltando lá, onde monstros poderiam me rasgar ao meio e comer meus órgãos.

O sol me cegou por alguns instantes quando saí da floresta.

Ofegante, eu parei de correr quando percebi que não estava sendo seguida. A primeira coisa que percebi foi que estava apenas a alguns metros de um penhasco, a grama era verde e o céu azul, mas apenas isso parecia igual à terra.

Nunca havia visto tantas montanhas, era como um mar de pedras e havia algumas tão altas que ultrapassavam as nuvens.

Quando olhei para cima, vi mais homens-pássaros coloridos dominando os céus.

E pela primeira vez, em toda a minha vida, o medo me fez desmaiar.

2

Esfreguei meus olhos, sentindo meu corpo doer.

Havia tido o sonho mais louco de todos, onde estava no *Central Park* e acabava indo parar em um universo completamente diferente da Terra, onde homens com asas brigavam por minha causa.

Me sentei, sentindo a terra arranhar minhas mãos quando me movi e tateei meu corpo, certificando-me de que todos os meus ossos estavam no lugar. Felizmente, nenhuma parte de mim parecia ter sido partida ou abusada, apenas minha mente estava um pouco fora de ordem. Foi tudo um sonho?

Olhei ao redor, percebendo haver paredes e quase respirei de alívio quando percebi que tinha sido resgatada. Até que percebi que o lugar era muito estranho para ser uma residência minimamente humana.

Demorei algum tempo para perceber que parecia estar numa caverna aonde uma luz forte vinha do lado de fora.

Como diabos eu havia parado nesse lugar estranho?

Seguindo em direção à luz, o amplo espaço foi diminuindo até formar um pequeno corredor até a entrada. Foi nesse instante que percebi que não se tratava de um fruto dos meus sonhos.

O mundo de bestas era muito real.

Me sentei no chão, sentindo meus joelhos fraquejarem quando percebi o quão alto eu estava. Nunca tive medo de altura, mas não havia nada comparado com aquele lugar, estava apenas a alguns metros de alcançar as nuvens. Com horror, percebi que não estava em uma caverna.

Era como um maldito ninho feito na borda de uma montanha, a copa das árvores pareciam muito longe, quase minúsculas. As paredes eram feitas com pedras e algum tipo de argila branca, tive medo de me mover e acabar pisando em algum pedaço frágil, caindo para a morte certa.

Voltei me arrastando para a câmara interna, meu corpo sacudindo de medo, apesar de todo o chão parecer muito firme debaixo de mim.

Eu não queria morrer.

Me encostei na parede, puxando minhas pernas para o meu peito.

Respirei fundo, sentindo o ar começar a me faltar e o medo se arrastou por debaixo da minha pele.

Aquilo não poderia ser real.

As lágrimas deslizaram pelos meus olhos e eu as enxuguei rapidamente, obrigando-me a deixar o enlouquecimento para depois. Precisava descobrir com o que estava lidando, que tipo de mundo era esse e quem havia me levado para esse lugar, de alguma forma, ainda esperava que fosse apenas pesadelo, mas sabia que não era.

— Tudo bem, Chloe. Respira! — falei, esfregando meus braços, tentando me consolar.

Levantei-me de onde estava, pisando com cuidado. Quando tive certeza que o chão não desabaria debaixo dos meus pés, comecei a explorar o lugar em que estava.

Segui meu caminho Tateando pelas paredes até de volta a entrada.

Anotei mentalmente que a “casa” era um círculo.

Voltei para o lugar que havia me chamado mais atenção, uma cama, pelo menos era o que parecia ser. A cama também era redonda, lembrando-me um ninho de passarinho feito de palha, mas não era palha, a espécie de cama era alta, quase na altura dos meus seios, com quase quatro metros de largura, coloquei a mão dentro e havia uma pilha de tecidos macios, formando um colchão. Desisti de subir na cama quando a tarefa se tornou quase impossível.

Percebi também que havia muitos enfeites na casa, muitas coisas coloridas, principalmente em tons de vermelho e azul, pedras, folhas, cascas, flores e coisas que não conhecia. Havia também tecidos dobrados cuidadosamente em um canto, certas partes da parede pareciam ter sido esculpidas para formarem prateleiras onde havia bolsas de couro e folhas trançadas que formavam os mais variados tipos de artesanato.

Estava prestes a puxar uma das bolsas de couro em uma das prateleiras, quando o barulho me paralisou, alguém havia entrado e

toda a luz havia desaparecido.

Olhei ao redor em busca de algum lugar para me esconder, a única alternativa parecia ser atrás da cama e foi para onde corri. Me agachei, sentindo meus joelhos tremerem enquanto agarrava a palha da cama para me manter firme em meus próprios pés.

Furtivamente, espiei quem estava chegando.

A primeira coisa que vi foram os pés, eram como malditos pés de pássaros, enormes, com garras, dedos grossos e pelos escuros até as canelas, com os tornozelos se dobrando para trás.

Era tão bizarro.

As coxas não tinham pelos, sendo musculosas e completamente humanas, havia uma espécie de tanga de penas escuras cobrindo suas partes íntimas.

O homem, porque ele era claramente de uma espécie masculina, tinha enfeites no cabelo e asas escuras.

As lembranças dele caindo a minha frente como uma bomba me invadiram, estremeci com a ideia dele me rasgando como fez com o homem-pássaro colorido.

Observei-o parar, olhando ao redor como se estivesse à procura de algo.

Perdi uma batida do meu coração quando o vi inspirar o ar, suas asas se arrastaram pelo chão conforme ele caminhava por sua casa, seus olhos indo em direção a todos os lugares em que estive.

Ele estava procurando por mim.

A realização disso me fez rastejar para longe, seguindo para o canto mais apertado da cama na esperança de não ser encontrada.

Um chiado, parecido com um piar de uma águia, me fez estremecer, ao perceber que parecia um chamado.

Era quase triste de ouvi-lo, mas de jeito nenhum estaria saindo dali para consolá-lo, eu não queria ser a próxima a ser rasgada por aquelas garras ou pior, devorada.

De repente, uma sombra pairou sobre mim.

Olhei para cima devagar, sabendo que havia sido descoberta e esperei encontrar a raiva em seu rosto. Para a minha surpresa, não havia nada, apenas uma expressão doce e gentil em suas feições endurecidas.

— Porra! — murmurei, meus olhos crescendo duas vezes de tamanho com o meu xingamento.

Ele ofereceu sua mão, um sorriso carinhoso crescendo em seus lábios cheios e um barulho esquisito ecoou, como um cantarolar que pareceu vir de seu peito, fiquei chocada ao perceber que o homem-pássaro estava tentando me acalmar.

Então, antes que pudesse me impedir, eu comecei a gritar.

O homem-pássaro recuou como se o próprio diabo tivesse rugido na sua cara, em meu desespero, empurrei meu corpo para um lugar mais apertado e consegui ultrapassar para o lado oposto onde o caminho para a saída parecia mais próximo.

Eu sabia que não estava pensando direito quando me levantei e tentei correr em direção à entrada, mas o ser humanóide estava lá para me impedir.

Não tive coragem de dar mais um passo quando suas asas se abriram, impedindo qualquer chance de fuga. Apenas naquele momento percebi que havia uma enorme pedra amarela em suas mãos.

Brilhante.

Quase dourada, lembrando-me um pouco do tom loiro do meu cabelo. Toquei uma mecha e vi seu olhar se encher de expectativa, tinha algo acontecendo...

— Isso é... para... para mim? — perguntei, apontando para o meu peito com o dedo trêmulo.

Ele balançou a cabeça, o cantarolar baixo ressoando de seu tórax novamente. O homem-pássaro deu alguns passos em minha direção, oferecendo a pedra com mais insistência e temendo que ele me matasse com aquilo, tirei a pedra de suas mãos e apertei contra o meu peito.

Para a minha surpresa, a pedra brilhante era surpreendentemente leve.

O homem-pássaro estava sobre mim antes que pudesse recuar, seus braços fortes me rodearam em um abraço apertado.

De uma maneira estranha, seu toque foi reconfortante, apesar de achar que estava enlouquecendo. Senti as penas macias roçarem

minhas pernas, ele era muito grande e muito forte, nada havia de macio nele, além de suas asas.

Tentei empurrá-lo para longe, mas isso fez com que ele me apertasse mais forte, dessa vez um choramingo humano foi deixado para trás.

— Deus, por favor, me ajude!

Um rosnado deixou seus lábios.

— Quem é Deus? — ele perguntou, soando com...

Ciúmes?

E eu fiquei em choque ao perceber que havia entendido cada palavra proferida pelo homem-pássaro.

3

Foi difícil me desvencilhar de seu aperto de aço, comecei a empurrá-lo, algo me dizendo que apenas consegui me soltar, porque ele quis me deixar ir.

Eu me afastei, o empurrando para longe com violência e por pouco não acabei caindo no chão.

— Como... como consigo entender... o que você diz? — gaguejei, ainda não acreditando no que havia acabado de ouvir.

Toda a situação parecia irreal.

— A *monuar* nos uniu — ele respondeu, como se aquilo explicasse tudo.

— O quê? — gritei, soltando a pedra aos meus pés.

O homem-pássaro arregalou os olhos, abaixando-se tão rápido que suas asas me empurraram para longe.

Ele pegou a pedra no chão, parecendo desolado.

— Você não gostou de mim? Das minhas cores? — questionou em um silvo baixo, olhando para si — do ninho que preparei? Posso melhorá-lo...

— Que diabos você está dizendo? — gritei, esfregando meu rosto com força para tentar acordar do pesadelo.

Era a única explicação para toda essa situação ridícula e assustadora, encarei o homem enorme ainda aos meus pés, suas asas haviam sido recolhidas e eu podia jurar que ele estava tentando parecer menor.

Quase submisso.

Tentei não começar a gritar com toda a situação, mas estava se tornando cada vez mais difícil não começar a enlouquecer. Mas, eu ainda prezava minha própria vida e sabia que seria inútil iniciar uma briga, principalmente quando não havia nenhum lugar para escapar.

Afinal, eu não tinha asas.

Respirei fundo, tomando uma longa lufada de ar.

Eu precisava pensar direito.

Meu corpo dolorido me trouxe de volta para a realidade, não havia como isso ser um sonho, eu não era tão criativa a esse ponto. Se homens com asas existiam nesse mundo, apenas poderia supor que coisas piores estariam do lado de fora.

Pássaros construíam ninhos no alto para se protegerem de predadores.

— Eu... Eu... Desculpe, não entendo o que você quer me dizer. Não sei nada sobre ninho ou sobre essa pedra, eu não sei como vim parar nesse lugar, certo... Qual o seu nome? Por favor, não fique aí abaixado.

— Rizan — ele respondeu baixinho, levantando-se devagar.

Havia uma expressão triste em seu rosto bonito enquanto olhava para a pedra em suas mãos.

— Sou a Chloe — murmurei, engolindo em seco quando Rizan me encarou — por acaso você saberia como posso sair desse lugar?

— Eu sei.

— Como? — perguntei, cheia de esperanças.

— Voando.

— Oh, certo, Sherlock — resmunguei.

— Meu nome é Rizan! — ele respondeu com confusão, estreitando as sobrancelhas escuras.

— Certo, Rizan, eu não sou desse lugar. Sou uma mulher humana, não sou como você, não tenho asas...

— Minha mãe também era humana — murmurou — todas as fêmeas são humanas.

Meus olhos se arregalaram, me deixando ainda mais surpresa com suas palavras.

— Humana? Onde ela está? Preciso falar com ela!

Rizan abaixou a cabeça, apertando a pedra amarela contra o seu peito com força.

— Ela está morta.

— Desculpe... eu não queria... — sussurrei, tentando manter meus olhos em seu rosto, para me lembrar que ele ainda era parte humano — só quero voltar para a minha casa.

— Uma vez que se entra em nosso mundo, não há como voltar — disse, suas palavras soando como um soco no estômago.

Andei de um lado para o outro, incapaz de me manter parada.

— Não posso ficar aqui, porra, eu não...

As lágrimas encheram meus olhos, antes que pudesse me impedir, um soluço escapou dos meus lábios e outro, até que não consegui mais segurar meu choro.

Me sentei no chão, escondendo meu rosto entre as mãos.

Um toque quente me trouxe de volta à realidade, lutei por oxigênio quando senti os braços fortes me rodeando em um aperto de aço e comprimindo meus pulmões, meu corpo foi puxado para o seu colo e ele apertou ainda mais, tentando me consolar.

— Por favor... Eu não consigo... respirar...

O aperto ao meu redor se afrouxou, mas Rizan não me deixou ir.

Respirei fundo, sentindo-o esfregar minhas costas devagar, um gesto muito humano e íntimo que fez meu coração acelerar.

Tudo dentro de mim gritando para que eu me afastasse.

— Você pode me soltar — murmurei, empurrando seu peito — eu... eu estou bem agora.

Ele me soltou de maneira relutante, levantei-me rapidamente e me apressei em ir para a direção oposta.

Ficamos nos encarando, meus olhos caíram novamente para os seus pés enormes e depois para as suas asas, até suas orelhas eram pontudas.

— Não há como ir embora — Rizan repetiu, soando como suas palavras finais.

Ele se levantou, suas asas se abrindo e sacudindo tudo ao nosso redor.

— Você não está partido!

— Como é? — guinchei.

Recuei rapidamente quando o homem-pássaro deu um passo perigoso em minha direção e levantou sua mão, por algum segundo pensei que ele iria me bater por gritar. Mas, Rizan apenas me ofereceu de volta a pedra e eu aceitei, temendo irritá-lo mais.

— Você é minha companheira, Chloe — murmurou, meu nome soando como um cantarolar em sua língua.

Eu abri e fechei a boca, incapaz de dizer alguma palavra.

Rizan abriu suas asas e partiu para os céus, deixando-me completamente sozinha segurando aquela pedra bizarra.

4

A noite havia chegado e não havia nenhum sinal de Rizan, eu não queria, mas estava começando a entrar em pânico.

Não tive coragem de me mover para desvendar o que eram aqueles gritos horrendos no céu. Pareciam muito próximos, mas, ao mesmo tempo, não eram. Eu não tinha asas, garras ou uma pele grossa para me proteger, após muita relutância tive que admitir para mim mesma que era completamente dependente do homem com asas.

Essa noite parecia mais assustadora do que a primeira em que dormi nas ruas, pelo menos no planeta Terra, sabia com o que estava lidando.

Tudo aqui era diferente.

A única coisa que poderia esperar era que ele não me abandonasse naquele ninho.

Me senti ridícula quando o alívio se apoderou de mim ao ouvir um bater de asas do lado de fora, os passos pareciam cada vez mais altos conforme se aproximava.

Tomei uma longa lufada de ar, enrolando meus braços ao redor do meu estômago com expectativa, quando percebi a presença enorme no lugar.

Sua aparência era sombria enquanto segurava uma espécie de flor fluorescente e colocava na parede, assim iluminando todo o ambiente. Também carregava um saco de couro, minha esperança era que ali tivesse algo comestível porque eu estava faminta.

Apesar da minha vontade de avançar em sua direção, não consegui me mover.

— Trouxe comida — ele murmurou, oferecendo o saco de couro.

Eu engoli em seco, me levantando e indo a sua direção com passos trôpegos, estive sentada por muito tempo.

Meu coração acelerou quando peguei o saco de suas mãos, havia aprendido muito rápido que o orgulho não encheria o meu estômago.

Eu mal podia acreditar o quanto minha vida havia mudado nas últimas horas.

— Obrigada — sussurrei.

Enfiei minha mão no saco, agarrando um monte de grãos, olhei para o conteúdo em minhas mãos. Pareciam uma mistura de frutas secas e amendoim, enfiei tudo na minha boca, o sabor explodindo em minha língua. Tinha gosto de chocolate e café, considerando tudo que havia vivido, eu não poderia esperar algo melhor.

Rizan não tirou os olhos de mim enquanto eu me mastigava, parei de comer, percebendo que não havia lhe oferecido nada, sendo que havia sido ele a trazer a comida.

— Você quer também? — perguntei, oferecendo-lhe de volta o saco de couro com vergonha.

— Não, trouxe para você.

Agarrei o saco de volta, sentindo-me estranhamente cheia.

O silêncio se tornou desconfortável.

Olhei ao redor, até que criei coragem para falar.

— Você construiu esse lugar sozinho?

Rizan estufou o peito, parecendo orgulhoso.

— Sim, fiz cada parte com as minhas próprias mãos.

— Isso é... impressionante — murmurei.

Observei o homem-pássaro sacudir suas asas devagar, sentando-se à minha frente.

— Nenhum macho é digno de ter uma fêmea se não tiver um ninho para lhe ofertar.

Eu assenti, enfiando mais um punhado de grãos na boca, estava feliz por não estar lá fora sendo perseguida por monstros desconhecidos.

— Quem é Deus? — Rizan perguntou de repente.

Parei de mastigar, estranhando a pergunta.

— Ele é seu antigo... companheiro? — continuou, rosnando a última parte.

Me segurei para não rir, era loucura que o homem-pássaro estivesse soando como um namorado ciumento.

— Não, ele não é meu namorado — falei — é mais como algo divino, sagrado...

Rizan arqueou as sobrancelhas, finalmente parecendo entender.

— Como *Azarae* — ele respondeu.

— Quem?

— A Grande Senhora do meu mundo — falou.

Rizan ofereceu um cantil de couro quando percebeu que havia terminado de comer, tomei em uma golada só e tarde demais, percebi que deveria ter cheirado antes de beber.

Infelizmente, não era conhecida pela minha inteligência.

— Como você fala tão bem meu idioma?

— Meu pai me ensinou um pouco — disse Rizan, soando taciturno.

— Onde você conseguiu a *monuar*?

Rizan se levantou de repente quando um grito agudo soou ao longe.

— Está tarde, você precisa descansar — falou, caminhando em direção à saída — vou patrulhar o território.

Assenti, observando-o sair, me deixando para trás com muitas perguntas.

Acordei tendo a sensação que estava sendo observada, quando abri os olhos, Rizan estava pairando sobre mim formando uma sombra. Sua expressão era suave, um sorriso se formando em seus lábios enquanto ele olhava para o meu rosto meio adormecido.

Forcei uma tosse, chamando-lhe a atenção.

Ele se afastou, caminhando na direção oposta onde estavam as prateleiras, como se estivesse fugindo de mim.

Apenas naquele momento percebi estar deitada no ninho redondo, não precisei perguntar para descobrir quem havia me colocado naquele lugar.

Era óbvio.

Tentei não ficar com raiva dele, Rizan parecia não ter tocado em nenhum lugar não apropriado e todas as minhas roupas continuavam no lugar. Considerando que ele era a coisa mais

assustadora e mortal que havia visto em toda a minha vida, acho que era possível lhe dar um pequeno voto de confiança até ter a oportunidade de sair desse mundo.

— Então, eu...

Rizan se virou para mim, me deixando um pouco sem fôlego.

— Você? — ele perguntou com uma expressão animada.

Engoli em seco, empurrando minhas pernas para fora daquela cama, perguntando-me se eu saltasse dali, quebraria uma perna.

— O que eu deveria fazer? Não posso ficar presa o dia inteiro nesse lugar, tenho que... — parei de falar, sabendo que estava prestes a dizer algo que poderia irritá-lo — Você poderia me mostrar o seu mundo? Por favor?

Os olhos dele brilharam, parecendo cheio de expectativas.

Forcei um sorriso.

— Tem certeza que está pronta para voar?

Eu queria gritar que não, mas não havia muitas opções para sair do ninho, a ideia de voar parecia insana. Mas, tudo que pude fazer foi assentir para Rizan, precisava de uma chance para descobrir onde estava. Descobrir sobre o que era esse mundo de feras, se havia alguma pequena chance de voltar para casa...

Eu não tinha nenhuma casa, mas ainda parecia mais seguro do que esse lugar.

— Sim — sussurrei.

Rizan se aproximou devagar, os seus passos soando mais altos para os meus ouvidos ansiosos.

Eu estava em pânico.

As mãos dele afundaram em minha cintura, suas garras tocando levemente minha pele, mas não a cortando. Fiquei surpresa com o quão cuidadoso aquele homem-pássaro enorme poderia ser.

Como se não pesasse nada, Rizan me puxou para cima e eu rodei minhas pernas ao redor de sua cintura.

Ignorando meu coração palpitando, rodeei meus braços ao redor de seu pescoço e afundei meu rosto em seu peito. Pelo menos, eu não era a única com os batimentos cardíacos acelerados.

Ele começou a caminhar para fora, a luz me cegou por alguns instantes e o vento frio tocou minha pele.

Naquele momento, percebi que não conseguiria fazer aquilo, mas era tarde demais.

Caímos em queda livre.

5

O pouso não foi uma coisa agradável, assim que atingimos o chão, eu pulei do colo de Rizan, ansiando pela firmeza da terra.

Caí rápido demais para que ele pudesse me segurar, pegando-o completamente de surpresa. Me curvei sobre o meu estômago, vomitando todo o jantar que o homem-pássaro havia me oferecido.

Lágrimas encheram meus olhos, a grama parecia tão idêntica à terra, mas ao meu tempo era tão diferente.

A realidade estava se tornando cada vez mais dolorosa.

Eu queria correr, mas minhas pernas estavam fracas demais para realizar qualquer movimento.

— Tudo bem — ele murmurou, esfregando minhas costas com carinho — meu pai dizia que os vôos sempre foram difíceis para a minha mãe...

Surpreendentemente, o gesto conseguiu acalmar meu estômago irritado.

— Você... — gaguejei, limpando minha boca com a mão, falando a primeira coisa que surgiu em minha mente — você conviveu muito tempo com ela?

— Não.

Percebendo o tom estranho em sua voz, preferi me abster de continuar com o assunto, eu não queria cutucar suas feridas, ainda estava ocupada lambendo as minhas próprias.

Precisava descobrir o que estava acontecendo.

Era a única coisa que importava.

Sentindo-me bem o suficiente para me manter de pé, eu me levantei.

Rizan ficou em silêncio quando dei alguns passos para longe, mas suas asas sacudiram de um lado ao outro, revelando seu humor inquieto, como se sua parte animal estivesse me dando um aviso. Mesmo que quisesse, duvidava que conseguisse fugir para muito

longe, Rizan parecia prestes a pular sobre mim caso desse um passo muito distante.

Olhei ao redor, notando a estranheza do ambiente.

Havia pedaços de madeira espalhados pelo local, ao contrário do ninho de Rizan, não havia adereços coloridos. Todos eles eram cinzentos e sem vida. Era como se estivéssemos em uma pequena ilha, mas não havia nenhuma água ao nosso redor.

De repente, comecei a sentir medo.

Muito medo.

E se ele me deixasse aqui?

— Que lugar... que lugar é esse?

Rizan deu alguns passos em minha direção.

— Estamos aqui para ver o Ancião — respondeu, como se aquilo fosse capaz de me explicar tudo.

Comecei a caminhar na direção que ele apontou com o queixo, o caminho se tornou mais estreito conforme caminhávamos em direção a um buraco no chão.

Mais uma vez considerei voltar, porém, Rizan estava atrás de mim, cobrindo toda a passagem com o seu corpo enorme e asas.

Respirei fundo, inalando o cheiro de terra. Ainda havia alguns resquícios de luz vindos do lado de fora, o suficiente para tranquilizar minha mente que havia uma passagem de volta, caso algo desse errado.

— Ancião? Sou eu, Rizan — o homem-pássaro falou alto.

Estremeci com o som de sua voz às minhas costas, fiquei feliz por ele não estar me enganando para me deixar naquele buraco. Mesmo que fizesse muito pouco tempo que havíamos nos conhecido, toda a situação era tão estressante que era como se décadas houvessem passado.

Dois pontos amarelos brilharam de repente na escuridão, o medo me deixou paralisada e eu cambaleei para trás.

— Que porra é essa? — gritei.

Quase urinei em minhas calças quando uma luz se acendeu no buraco, era a mesma flor reluzente que Rizan havia usado no ninho, mas não foi aquilo que me assustou.

Era o homem-pássaro sentado na escuridão, todo o seu corpo era feito de penas e ao contrário de Rizan que possuía braços muito humanos, seus braços eram asas enormes e brancas. Ao invés de uma boca, ele possuía um bico de pássaro, seus pés eram enormes e curvados para trás.

Ele era como uma coruja humana saído diretamente de um bizarro filme de terror.

— Olá, jovem humana — o homem-coruja falou, a voz era grossa e possuía um sotaque pesado — eu não acreditei quando Rizan me falou sobre você... Mas, vejo ser real, tão de carne e sangue como eu.

— Essa é a minha companheira, ancião. Ela veio do outro lado, veio do mundo da minha mãe — Rizan respondeu, a esperança que havia em sua voz me deu arrepios.

— Uma original. Eu não vejo uma desde a chegada de sua mãe, talvez dezessete primaveras, faz muito tempo... muito tempo...

O ancião piscou para mim, os olhos redondos e amarelos me encarando cheios de curiosidade.

— Me diga o seu nome, criança?

— Chloe — murmurei.

— Chloe... Sim, eu vejo — ele tossiu, cada parte de seu corpo parecendo muito pesada para se mover — eu lhe dou minha bênção para continuar o nosso mundo.

Engoli em seco, suas palavras soando estranhamente como uma profecia.

— Então, há como voltar para o meu mundo? — perguntei, dando um passo relutante em sua direção — preciso saber se há um caminho de volta.

— Caminho para casa?! Eu não conheço o caminho de volta, mas há sempre uma chance se souber onde buscar e encontrará sua verdadeira casa — murmurou o ancião, sua voz se tornando baixa a cada palavra proferida.

Era como se ele estivesse caindo no sono.

Rizan tocou meus ombros, as palmas pesadas e quentes me fazendo pular em meus próprios pés.

— Temos que ir, o ancião precisa descansar.

Relutei por alguns segundos a partir, eu precisava de respostas.

Senti-me desesperada quando percebi que aquela estranha criatura poderia ser a única a me oferecer respostas reais, mas percebi que não poderia ficar mais tempo dentro daquele buraco.

Caminhei para longe, algo dentro de mim me dizendo que ele me seguiria para onde quer que eu fosse.

— Por que você me trouxe aqui, afinal? — questionei, virando-me bruscamente em sua direção.

— Para você ver a verdade.

Tomei uma respiração profunda para tentar clarear minha mente.

— Que verdade?

— Não há como fugir. Minha mãe tentou, mas falhou, ela adoeceu e morreu tentando voltar para o seu mundo. Eu não quero que isso aconteça com você...

O grito ficou preso na minha garganta quando Rizan me empurrou com força, eu caí num baque surdo, sentindo o ar comprimir meus pulmões e a única coisa que vi foi um vulto passar por cima de mim.

Quando tive forças o suficiente para me levantar, percebi o motivo do movimento violento...

Rizan havia me salvado.

Um cão enorme, se é que poderia classificá-lo assim, estava tentando abocanhar seu pescoço.

O pelo grosso era cinzento, como a grama do local, ajudando-o a se camuflar quando ele caía no chão e ao invés de ter quatro patas, ele possuía oito. Mas, a besta parecia não estar interessada no meu homem-pássaro, ao arremessar Rizan com violência para longe, seus olhos vermelhos se cravaram em mim.

Eu gritei, rastejando para longe quando percebi que o maldito cão estava sorrindo.

Os dentes batendo em minha direção, tentando me provocar, como se quisesse extrair todo o medo de mim antes de me matar ou, talvez, eu estivesse começando a enlouquecer.

— Porra, fique longe — gritei, enquanto esbarrava nas estacas ao longo do caminho.

Eu não poderia morrer, não desse jeito.

Ninguém lamentaria minha morte, talvez o homem com asas, se ele não acabasse sendo devorado pelo cachorro após o animal ter roído os meus ossos.

Eu não tinha nenhuma família à qual voltar, mas sentia saudade do meu mundo, da normalidade e de ter o controle sobre a minha própria vida.

Fechei meus olhos, apenas desejando que a morte fosse a mais rápida e indolor possível.

Era isso, o fim.

Esperei pela mordida, mas ela nunca chegou. Talvez, a morte houvesse sido tão rápida que sequer tive tempo de sentir a dor, abri os olhos, apenas para encontrar o cão a poucos centímetros dos meus pés tentando abocanhar um pedaço da minha carne. Porém, de alguma forma, Rizan havia sido mais rápido em alcançá-lo.

Meu homem-pássaro estava em cima do animal, Rizan estava agachado, um pé pesado nas costas do cão, as garras afundando e cortando sua pele, sangue verde brotando de suas feridas.

Queria fechar meus olhos para não ver o que seguiria, mas não consegui realizar um movimento tão simples.

Estava hipnotizado por toda aquela situação irreal.

Rizan agarrou a parte de trás do pescoço do animal, o cão rosnou, tentando morder seus braços, mas falhando miseravelmente contra a força do homem pássaro.

As asas de Rizan se abriram quando ele cravou suas garras no céu da boca do animal, puxando com tanta força que arrancou a metade de sua cabeça e a arremessou para longe.

O animal caiu morto aos meus pés.

Mordi meu lábio inferior, tentando controlar o soluço que queria escapar.

Não podia chorar, não podia...

A visão de Rizan me trouxe de volta, o sangue carmesim escorria do corte em seu peito, revelando que ele não era muito diferente de mim.

Porra, ele havia me salvado, isso que tinha que significar alguma coisa.

O que era esse maldito mundo?

— Chloe, você está bem? Foi mordida? — ele perguntou.

Abri e fechei a boca, com falta de ar, meus pulmões impedindo-me de respondê-lo.

Sua mão deslizou pela minha coluna, parecendo estar em busca de um osso quebrado, depois ele checou minha cabeça, em seguida meus braços e pernas. Ele respirou, soando aliviado quando percebeu que nada havia se partido, acho que ambos sabíamos o que um osso quebrado poderia significar em seu mundo.

— Estou bem — sussurrei, tentando tranquilizá-lo, de alguma forma queria que ele soubesse que confiava nele.

Não seria tão hipócrita a ponto de temer a criatura que havia me salvado dos dentes da morte.

— É melhor irmos embora, o cheiro dele atrairá o resto do seu bando...

— Há mais dessas coisas? — sussurrei, assustada.

Rizan assentiu.

— Há muitos deles nos terrenos baixos — confirmou, ele olhou ao redor e depois para mim — pronta para voar?

Ele tentou me pegar antes que pudesse respondê-lo, acho que de qualquer forma não havia muita escolha nessa situação, eu não queria voar, mas ficar também não era uma opção.

Não queria ser devorada.

— Podemos nos lavar antes? Talvez, limpar sua ferida — falei, apontando para o corte de seis garras em seu peito — isso pode infeccionar, eu não quero que adoença.

Rizan deu um passo para trás, parecendo chocado.

— O que foi?

Esperava que ele não desmaiasse porque não tinha nenhuma condição de carregá-lo, Rizan com certeza pesava mais de cento e trinta quilos, contando com o peso de suas asas enormes.

Não havia nada suave sobre ele.

— Não foi nada, eu... — Rizan gaguejou, parecendo envergonhado — conheço um lugar que podemos nos banhar.

Rizan me pegou no colo, estilo noiva, suas mãos firmemente em mim.

Eu apenas fechei os olhos, escondi meu rosto em seu peito, desejando que chegássemos logo ao nosso destino.

6

— Esse lugar parece ter saído direto de um conto de fadas — disse, maravilhada com a beleza do que me rodeava.

Rizan havia me levado para uma caverna, o buraco acima da minha cabeça revelando o céu azul me deu a certeza que só poderíamos sair dali voando. O lugar ficava no alto de uma montanha, escondido entre as copas das árvores, flores coloridas cresciam nas paredes da caverna e a água era tão cristalina que poderia ver a areia no fundo.

Me virei para encará-lo, não conseguia esconder o meu sorriso, depois de tudo que havia acontecido, achei que era bom estarmos em um lugar como esse.

— É seguro, certo? Até mesmo para beber?

Rizan assentiu.

Tirei meus sapatos e meias, deslizei minha blusa e calça para fora do corpo, ficando apenas com o meu conjunto simples calcinha e sutiã de algodão. Deslizei meus dedos pelos meus cabelos loiros, tentando desfazer os nós, eu não queria pensar que estava seminua na frente de Rizan, mas não poderia molhar minhas roupas desde que havia perdido minha mochila.

Quando me virei, Rizan estava dentro do lago e me olhava cheio de expectativa.

A tanga de penas escuras estava no chão arenoso.

Respirei fundo, sabendo que Rizan estava completamente nu, porque com certeza o homem não deveria saber o que era uma cueca.

Confiando nos meus instintos de que ele não me forçaria a nada, eu entrei no lago.

A água estava morna, meus pés afundaram na areia e caminhei até Rizan, a água ficando na altura dos meus seios.

— O corte não dói? — sussurrei, apontando para o seu peito.

— Não — ele respondeu — estou acostumado com a dor.

Encarei-o por um segundo antes de tocar seu peito, deslizando meus dedos ao redor do corte e percebendo que não era tão

profundo como imaginava.

Queria fazer algo por ele, demonstrar que era grata...

Esfreguei seu peito, limpando o sangue que havia escorrido, percebendo ele estava um pouco mais quente do que o comum sobre o meu toque.

— Há outras mulheres em seu mundo, como você? Com asas?

— Não — ele balançou a cabeça — apenas como você, puras, mas não vejo nenhuma em nosso mundo desde a morte da minha mãe. Pensei que Azarae havia desistido de nós, então eu te encontrei. Você é a primeira em nosso mundo depois de muito tempo.

Assenti, deixando que as suas palavras ficassem em minha mente.

A primeira mulher em muito tempo.

Talvez, houvesse outras escondidas, talvez não, eu não sabia como havia chegado nesse lugar. Deixava-me triste que havia uma possibilidade de ser a única mulher nesse mundo, por isso preferi me agarrar à chance de que alguma mulher tivesse se dado melhor que eu. Sempre havia uma chance...

— Sou um bom exemplo da espécie feminina? — brinquei, tentando não deixar que o nervosismo me abalasse.

— Você é a mulher mais bonita que eu já vi, não há palavras para descrever sua beleza, Chloe. Não há nada como você...

— Uau! — eu ri, me sentindo envergonhada com tantos elogios.

Nado de costas, para longe, observando-o me olhar surpreso.

— Eu nunca vi ninguém nadar assim... É uma coisa humana?

Parei de nadar, o encarando de longe, numa parte mais funda do lago. Rizan ficou parado, ainda estava onde o deixei, suas asas estavam abertas e longe da água.

— Você não consegue?

— Não gosto de molhar minhas asas, elas se tornam pesadas e fica difícil voar — ele respondeu simplesmente.

Voltei a nadar em sua direção, apenas deixando meus olhos de fora. Rizan prendeu a respiração, parecendo muito nervoso quando parei em sua frente e me levantei a poucos centímetros dele.

Eu não sabia o que estava fazendo, mas me deixou emocionada que o afetasse tanto.

Depois de tudo, acho que Rizan merecia um voto de confiança.

Ele era mais confiável que minha própria família.

Segurei seu braço para me firmar quando meus pés afundaram na areia, ele tremeu com o meu toque.

Eu sorri, sentindo meu coração acelerar.

— Obrigada por ter me salvado — disse, esticando-me para alcançá-lo e deposei um beijo em sua bochecha.

Rizan arregalou os olhos, parecendo muito chocado com o meu gesto.

Gargalhei, nadando para longe mais uma vez.

Rizan havia nos levado de volta para o ninho antes do sol se pôr, queria ficar mais um pouco, mas não tive nenhuma chance para retrucar suas ordens.

Sentei-me no chão para observar o pôr do sol, ainda não tinha coragem para ficar na borda, então me contentei em ficar no pequeno corredor. Quando a escuridão se apossou do céu e os sons começaram a se tornar assustadores demais, me levantei e corri de volta para onde Rizan estava, tentando não parecer tão assustada, mas falhando miseravelmente.

— O que você está fazendo? — murmurei, sentando-me ao seu lado.

Observei Rizan tecer habilmente os fios com seus dedos grossos, transformando-os em... alguma coisa.

— Um saco para mantimentos.

— Entendi.

O silêncio se apoderou sobre nós, novamente. Com as flores brilhantes, o lugar até poderia ser aconchegante, havia muitas coisas coloridas e as prateleiras haviam se enchido com as nozes que eu gostava.

Ele estava tentando me agradar.

Cada gesto dele gritava isso, era fácil perceber como ele era uma pessoa solitária.

Havia uma ingenuidade nele, podia ver isso em seus olhos, pelo pouco tempo de convivência percebi que ele não era como um homem humano, cheio de artimanhas e interesses.

Ele simplesmente nada exigia em troca.

— Qual o significado disso? Da *monuar*? — questionei, olhando a pedra amarela no topo das prateleiras.

Rizan parou o que estava fazendo, o olhar que ele me lançou fez um arrepio subir pela minha espinha.

— Significa que você aceitou se juntar a mim e ao meu ninho.

— Eu aceitei? — perguntei, em choque.

Ele balançou a cabeça, afirmando, voltando a tecer.

Respirei fundo, não valia a pena se estressar com o que Rizan havia dito, não era como se houvesse algum outro lugar que pudesse ir.

Pelo menos com ele, estava segura.

— Você é como um pingüim — sussurrei, um sorriso crescendo em meus lábios com a lembrança do que os animais faziam.

Rizan parou o que estava fazendo, me encarando com confusão.

— O que é isso?

Eu sorri.

— É uma ave, só que eles foram projetados para nadar. Quando um macho se apaixona por uma fêmea, ele procura por uma pedra para oferecer um matrimônio. Se a proposta for aceita, eles constroem um ninho e a pedra do casamento é colocada para relembrar a relação que tem. Eles ficam juntos por toda a vida.

Rizan assentiu, parecendo pensativo e depois sorriu.

— Não posso negar a semelhança com o animal, talvez tenhamos parte nisso, originalmente todos éramos animais em meu mundo. Você conheceu o ancião, ele é o ser mais próximo que temos de um original, Chloe.

Não pude deixar de ficar em choque com isso ao imaginar que outras mulheres deveriam ter transado com criaturas como o ancião, com rosto de coruja para dar origem a alguém, como Rizan.

— Seu pai era como você, quero dizer, em aparência? — questionei.

— Sim, mas suas asas eram maiores — respondeu simplesmente.

— Você gostava dele?

— Ele fez o que podia depois que minha mãe morreu, não o culpo, nós não ficamos muito bem depois que perdemos nossas companheiras — resmungou, apertando os nós do saco de mantimentos com violência.

— Ele também está... morto? — perguntei, tendo dificuldades para fazer a última palavra.

— Sim, morreu alguns anos depois, quando tinha idade suficiente para me manter sozinho.

— Sinto muito — sussurrei, tocando em seu pulso.

Ele parou o que estava fazendo, seu corpo enrijecendo com o meu toque.

— Você precisa descansar, foi um dia longo e histórias tristes lhe darão pesadelos — resmungou.

Seu tom de voz me fez sorrir.

— Não sou criança para ter pesadelos com histórias tristes.

Eu me levantei, caminhando em direção a cama-ninho hesitante...

Rizan foi mais rápido em me alcançar, segurando-me pela cintura e me erguendo como se meus setenta quilos não fossem nada.

Rastejei pelo colchão macio, deitando-me no canto e observei Rizan subir sem nenhuma dificuldade para se deitar ao meu lado. Eu não poderia expulsá-lo da sua própria cama, afinal. E ele ainda merecia um voto de confiança.

Deitei minha cabeça no travesseiro, não demorando muito tempo para cair em um sono profundo.

7

Meu corpo estava em chamas, era difícil respirar quando tudo parecia tão quente.

Torci meu corpo, tentando me livrar do calor, suor escorreu pelo meu pescoço e eu empurrei meu cabelo para longe.

Finalmente, tive coragem para abrir os olhos.

Me deparei com o peito nu de Rizan, ficando claro naquele segundo porque tudo estava tão quente.

Era ele.

Seu corpo fornecia muito calor, mas essa não era a única coisa impedindo-me de respirar. Os braços pesados dele estavam ao meu redor, me apertando contra o seu peito, como se tivesse com medo que fugisse a noite enquanto ele dormia. Nossas pernas estavam enroscadas e uma de suas asas estava sobre mim, como se todo o seu corpo não fosse capaz de me proteger do frio.

Eu tentei me desvencilhar de seu aperto com cuidado para não acordá-lo, mas assim que empurrei sua asa um pouco para longe, seus olhos se abriram para me encarar.

— Estou com calor — sussurrei em minha defesa.

Rizan se desvencilhou, levantando-se tão rápido que me pegou de surpresa.

Ele parecia envergonhado, tentei não rir com isso, mas falhei miseravelmente e soltei uma gargalhada.

Rizan se virou para mim, parecendo muito surpreso com o gesto.

— Você me vê como sua companheira? Pelo menos, você sabe como funcionam as coisas entre um homem e uma mulher? — As palavras saíram da minha boca antes que pudesse me impedir de falar.

E se ele tentasse alguma coisa?

Porra, ele voava e havia matado aquele cão monstruoso com as próprias mãos, com certeza eu não teria forças se Rizan resolvesse me mostrar como as coisas funcionavam.

Felizmente, Rizan não tentou fazer nada.

Ele apenas se levantou da cama-ninho e foi em direção às prateleiras, tirando de lá algo que eu não havia percebido que estava.

A minha mochila.

Eu quase gritei de felicidade, saltando da cama e corri em direção a Rizan, pegando a mochila pesada de suas mãos.

— Oh, meu Deus! Onde você encontrou minha mochila? Pensei que nunca mais encontraria minhas coisas.

— Encontrei-a perto da árvore onde você estava...

O impulso em abraçá-lo foi mais forte do que eu, pulei nele pegando-o de surpresa, mas Rizan me segurou.

Demorou alguns segundos para ele reagir, porém, o homem-pássaro me abraçou de volta, rodeando seus braços ao meu redor de maneira desengonçada.

Eu o empurrei devagar quando percebi que Rizan não estava me soltando, o momento ficou estranho por alguns segundos e preferi concentrar a minha atenção na mochila.

Sentei-me no chão, abrindo a mochila em busca do meu celular.

Não me surpreendi quando o aparelho não ligou, de qualquer forma, para quem eu telefonaria? Mal tinha certeza se estava realmente no planeta Terra. Pelo menos, tinha algumas roupas...

Rizan se abaixou ao meu lado, encarando meu pequeno tesouro com curiosidade.

— Para que isso serve? — perguntou.

Senti vontade de gargalhar quando ele apontou para o pacote de absorvente interno, mas me controlei, mordendo o lábio inferior para não rir.

Eu ainda não estava pronta para atrair sua atenção para as minhas partes inferiores, não podia negar que Rizan era atraente, mas também não tinha certeza se tínhamos o equipamento necessário para nos encaixar.

Meu Deus, qual era o meu problema?

Não deveria estar pensando no homem-pássaro desse jeito, deveria estar considerando encontrar uma maneira de voltar para o

mundo humano ou, pelo menos, aprender a sobreviver sem sua ajuda.

— Para estancar sangue — murmurei, fechando a mochila rapidamente e me levantei — Podemos ir para aquele lago novamente? Acho que estou fedendo.

Rizan avançou em minha direção tão rápido que quase me deixou sem ar.

— Você cheira bem para mim.

Enrolei uma mecha do meu cabelo molhado de suor atrás da orelha.

— Obrigada — sussurrei.

— Pronta para voar?

Estava me sentindo melhor após ter tomado um banho e mudando minhas roupas, não fazia muito calor, então optei por usar uma camiseta branca surrada e shorts.

Voar não estava mais no primeiro lugar do meu ranking de coisas assustadoras a se fazer nesse mundo, depois do encontro com o *mastigador* — Rizan disse que não havia um nome para o animal, então considerei chamá-lo assim —, a coisa mais assustadora era colher frutas.

As árvores tinham galhos muito grossos e largos, com quase dois metros de largura, então podia supor que era seguro caminhar por eles sem arriscar cair, exceto caso alguém me empurrasse.

O que eu duvidava que Rizan o fizesse, ele estava cuidando de mim como se fosse uma criança aprendendo a andar.

A altura nunca havia sido algo que me incomodou, não até vir parar nesse mundo estranho.

Rizan havia me entregado um saco para que o ajudasse a colher as frutas depois de muita insistência da minha parte, ele havia arriscado sua vida para salvar a minha, colher frutas no tronco de uma árvore a Deus sabe quantos metros de altura era o mínimo que poderia fazer.

— Qual a sua idade? — a pergunta saiu dos meus lábios antes que pudesse me impedir.

O homem-pássaro passava a maioria do tempo calado, obrigando-me a quebrar o silêncio.

Rizan parou de colher as frutas por um segundo, encarando-me com insegurança, eu só não sabia o porquê.

— Dezenove invernos.

Ele era mais novo do que esperava, havia uma aspereza em seu rosto que lhe dava mais maturidade, a luta estava presente em cada parte de seu corpo.

— Tenho vinte e cinco, a propósito — murmurei, soltando uma risadinha — apenas um pouco mais velha do que você...

— Isso te incomoda? — Rizan engoliu em seco, suas asas se tornando menores, revelando seu desconforto.

— Não, termos quase a mesma me deixa bastante confortável, na verdade. E impressionada, os homens da terra com certeza seriam incapazes de lutar com as próprias mãos com aquele mastigador como você fez.

— *Mastigador*? — ele proferiu, a palavra soando um pouco engraçada graças ao seu sotaque carregado.

— O animal não tinha nenhum nome, então pareceu adequado chamá-lo assim.

— É um bom nome — Rizan confirmou.

8

Eu me sentei no galho, sacudindo meus pés no ar, enquanto observava Rizan colher nozes nos galhos mais finos.

Estávamos em uma árvore mais baixa, ainda poderia quebrar meu pescoço caso caísse, mas com certeza estávamos em um lugar mais baixo porque não estava ficando tonta quando olhava para o chão. Conseguia enxergar claramente os animais pastando, de acordo com Rizan, eram animais tranquilos e inteligentes, alguns estavam embaixo de mim esperando que derrubasse algumas frutas para que eles comessem.

Meu homem-pássaro havia me entregado um saco cheio de nozes, essas tinham um gosto estranho de chocolate amargo, meu estômago estava cheio, mas não conseguia parar de comer.

— Vocês querem um pouco? — murmurei, sacudindo uma noz do tamanho de um limão-siciliano.

A aparência deles havia me assustado um pouco no começo, mas depois de algum tempo os observando, percebi serem estranhamente fofos. Seu corpo era como o de um canguru, os pelos brancos com manchas laranja, mas a cabeça era pequena, como a de um coelho e as orelhas eram muito longas.

Um deles pulou no ar quando arremessei uma noz, pegando-o com seus dedos compridos.

— Você viu isso? — gritei com animação.

Ao invés de obter uma resposta de Rizan, o único retorno que tive foi um barulho de assobio cortando o ar.

Os animais soltaram um grito agudo, disparando em todas as direções pela floresta.

Puxei minhas pernas para cima, deitando-me em cima do tronco, temendo ser vista por o quer que fosse.

Meu coração batendo tão forte que parecia a sair pela minha boca.

— Rizan? — murmurei em uma súplica.

Rizan estava a apenas alguns metros acima da minha cabeça, escondido entre os galhos mais finos, as garras de seus pés

segurando firmemente enquanto ele se dobrava e seus braços tentavam me alcançar.

O pânico que vi em seu rosto me fez morder o lábio com força para não gritar.

Outro som quebrou o silêncio.

Dessa vez, consegui enxergar claramente a fonte de todo o meu desespero, era uma corda.

Uma corda muito estranha, grossa o suficiente para formar uma trança, tinha uma cor lilás com alguns respingos vermelhos e em ambas as pontas tinham bolas pesadas, parecendo grudar uma na outra, como se fossem magnéticas.

Só poderia imaginar que aquilo seria para imobilizar sua presa, os animais estavam no chão e a corda estava vindo para cima, então só poderia supor que a presa era eu.

Eu não queria imaginar que tipo de criatura estava tentando me pegar.

Rizan mergulhou em minha direção, pegando-me pela cintura e puxando-me para cima com tanta força que fiquei sem ar. Tudo passou como um borrão diante dos meus olhos, senti sua mão pressionando minha cabeça contra o seu peito, protegendo-me.

Com um impulso violento, Rizan tomou os céus.

Olhei para baixo, a tempo suficiente de ver uma criatura do sexo masculino e com chifres curvados como o de um carneiro, apontando para os céus e gritando alguma coisa.

Precisei fechar os olhos para não vomitar.

Rizan estava cortando o céu com as suas asas, ele nunca havia voado tão rápido, não até aquele momento.

Quando chegamos ao ninho, eu mal conseguia me manter de pé.

— O que foi aquilo? — gritei em pânico.

Me virei para encará-lo, a expressão raivosa de Rizan me deixou ainda mais assustada.

Ele caminhou pelo corredor pequeno do ninho, querendo abrir as asas, mas o espaço não era grande o suficiente.

— Rizan, quem eram eles?

— Eles não tinham esse direito... Eu nunca... Tentando roubar minha companheira... — Rizan estava dizendo, não para mim, mas para ele mesmo.

Não conseguia entender direito o que Rizan dizia em meios aos barulhos de pássaros que ele soltava, pareciam muito raivosos e, ao mesmo tempo, desesperados.

— Vou matá-los, todos eles...

O desespero queimou em minhas veias como veneno.

— Rizan, por favor, você não pode me deixar aqui sozinha, eu não...

O homem-pássaro começou a se mover para longe, eu não queria perdê-lo. Não porque Rizan era minha maneira de sair daquele ninho ou porque ele me protegia dos monstros daquele lugar, eu havia me afeiçoado a ele. Então, realizei a única coisa que podia naquele momento para distraí-lo de suas intenções assassinas.

Eu o beijei.

O puxei com tanta força que nossos lábios se chocaram com violência, Rizan parecia confuso por alguns instantes, mas mantive meu aperto ao redor de seu pescoço. Espremendo meu corpo contra o seu, senti o coração do homem bater tão fortemente que parecia que iria explodir a qualquer momento.

Me afastei para verificar os danos que minha ação impulsiva havia lhe causado, dei um passo para trás quando percebi que ele parecia em choque.

— Rizan? — perguntei, preocupada.

Ele avançou tão rápido em minha direção que sequer tive tempo de reagir, suas mãos afundaram na minha cintura e Rizan me puxou para cima, me fazendo rodear minhas pernas ao redor de sua cintura. Seus lábios encontraram os meus, um beijo profundo que me deixou sem ar, ele pareceu confuso por alguns segundos, mas muito rapidamente pôde aprender o que fazer.

Minhas costas afundaram em algo macio, o corpo pesado de Rizan me cobriu por completo.

Ele se levantou de repente, vindo em direção ao meu rosto, segurei seu ombro quando percebi que uma de suas asas estava

vindo na direção dos meus olhos.

— Chloe, me perdoa — ele murmurou, tentando sair de cima de mim.

Fui mais rápida em segurá-lo.

— Tudo bem, apenas fique aqui ao meu lado, Rizan.

Acho que era tarde demais para mim, o gigante com asas havia ganhando seu espaço em meu coração.

— Quem eram eles? — sussurrei.

Rizan tentou se levantar, mas me virei e sentei em seu estômago, segurando seu rosto e o forçando a me encarar, mas ele continuou a manter os seus olhos baixos.

— Rizan, olhe para mim — insisti — você não pode me esconder às coisas, isso é errado.

— Desculpe — ele sussurrou, parecendo envergonhado.

Deslizei para fora de seu colo, percebendo que havia passado do ponto. Rizan se ergueu, sentando-se e encostou suas costas na parede, encarando-me.

— Eles são terrestres, sua espécie é chamada de *hors* — falou, sua voz soando raivosa e ressentida — vivem em bandos e são caçadores, há muitos em meu mundo. Eu não gosto deles...

9

Rizan não me levou para fora do ninho.

Os dias se tornaram noites, apesar de toda a minha insistência, ele não parecia muito interessado em me deixar sair.

— Rizan? — chamei.

Ele me encarou, terminando de organizar as minhas coisas nas prateleiras. O homem-pássaro parecia muito empenhado em fazer com que me sentisse em casa, até havia feito algumas roupas para mim.

— Preciso tomar banho — falei, sentindo minha pele pegajosa pelo suor.

Rizan não olhou para mim.

— Vou trazer água para você — murmurou.

Quando percebi que ele estava saindo, corri em sua direção, ficando na frente do pequeno corredor, impedindo que ele passasse.

— Você não pode me manter aqui — disse, esperando que minha voz soasse firme — sou uma pessoa, não sua propriedade.

— Você é a minha companheira — respondeu — é o meu dever mantê-la segura.

— Mas, eu estarei segura, com você...

Rizan me deu as costas, caminhando em direção às prateleiras e voltou a arrumá-las, soltei um suspiro, me sentindo cansada. O homem-pássaro não parecia disposto a conversar, sempre que tentava argumentar algo, ele se fechava ou tentava me distrair, oferecendo-me algo doce.

Voltei minha atenção para o céu, naquele instante percebendo que o único ser defeituoso ali era eu.

Resignada, comecei a caminhar de volta para dentro do ninho.

Não consegui dar um passo à frente, sentindo alguém me agarrar pela cintura e o chão aos meus pés desapareceu, estava voando e não era o meu homem-pássaro que estava me carregando.

— Rizan — um grito estrangulado deixou a minha garganta.

Tentei olhar para cima, mas a única coisa que consegui enxergar foi uma pele dourada e cabelos verdes.

O sol parecia mais próximo de nós.

O som de asas batendo foram o único som que chegaram aos meus ouvidos, estávamos voando muito rápido, demonstrando o desespero do homem-pássaro que havia me sequestrado.

Nunca senti tanto medo em toda a minha vida.

Um grito de águia veio de algum lugar, mas eu sabia que não era de um animal da Terra.

Era Rizan.

O vôo se tornou mais desesperado, muito alto, nuvens apenas alguns metros de nós. Eu mal conseguia respirar. Tive um vislumbre de asas escuras passando por debaixo de nós, tão rápido que não tive certeza se era real.

Algo colidiu nas costas do meu sequestrador, seu aperto sobre mim diminuindo e eu agarrei seus abraços, impulsivamente, temendo cair em queda livre.

— Ela é a minha companheira — Rizan gritou, enfurecido.

Foi à última coisa que ouvi antes de um grito de dor encher meus ouvidos, o puro terror me invadindo quando os braços dos estranhos que me seguravam, desapareceram ao meu redor.

Então, tudo começou a girar e o céu se tornou mais distante.

Esperei pela dor, mas nunca chegou.

Braços me rodearam, apertando-me com tanta força que por um momento pensei que minhas costelas seriam esmagadas, porém, fiquei aliviada quando vi asas escuras batendo.

Até que percebi que não eram braços que estavam me rodeando, eram pés enormes.

Eu comecei a gritar quando o animal enorme me levou para longe.

O impacto da queda me deixou sem fôlego, abri e fechei os olhos, mal acreditando que havia sido jogada num ninho por um pássaro enorme de seis asas.

O animal voou para longe, subindo para o topo da minha lista de animais assustadores desse lugar.

Ele tinha que ser a maior coisa desse mundo, suas asas eram marrons e deveriam ter seis metros de envergadura, as quatro

primeiras sendo maiores e as duas últimas, menores. Era como um passarinho gigante, exceto que havia um único olho e um bico rosa.

Me levantei devagar, observando o pássaro desaparecer no horizonte.

Um piado me fez estremecer.

Devagar, eu me virei, me sentindo em uma cena de filme de terror quando encontrei um único olho.

— Merda! — sussurrei.

O filhote tentou se levantar, falhando miseravelmente e caindo de cara aos meus pés.

Paralisada, observei a cabeça careca do animal.

Ele tentou se erguer, mas a única coisa que conseguiu fazer foi esfregar o rosto nas folhas.

Aproveitei aquele momento para começar a me mover, sentindo-me uma maldita sortuda quando percebi estarmos no chão. Considerando o tamanho daquele pássaro, duvidava que algum animal teria coragem de invadir seu território.

Não tive coragem de tocar no filhote de um único olho, dando uma volta ao seu redor para chegar à borda mais baixa do ninho.

Pulei, sentindo meus joelhos tremerem quando toquei o chão firme.

Mais uma vez, estava perdida e não fazia ideia de onde deveria ir.

Olhei para os céus, esperando encontrar Rizan, mas não havia sinal dele ou do meu sequestrador colorido. Por um instante, considerei ficar ali e esperar, talvez Rizan conseguisse me rastrear, entretanto, o filhote começou a gritar e toda a minha esperança de ficar ali morreu.

Não queria ser devorada por uma criatura de um olho, então comecei a correr.

Meus passos me levaram para uma clareira, onde me escondi atrás de um arbusto.

Encarei uma criatura esquisita pastando, perguntando-me se o animal tentaria me matar caso eu passasse ao lado dele para obter um pouco de água.

O animal me lembrava um antílope, exceto que havia quatro patas dianteiras e duas traseiras, um pouco mais longas. Nada havia de fofo e suave nele, sua pele parecia grossa e era verde, com um pescoço longo e cabeça pequena, seus olhos eram grandes e a língua fina se projetava para fora como se fosse uma cobra.

Não parecia um animal violento, considerando que estavam em bando e comendo grama, mas isso não me impediu de tremer de medo.

O lago de água cristalina estava apenas alguns metros e eu estava morrendo de sede.

Caminhei devagar, tentando não chamar atenção.

O bando se virou para mim, de uma forma estranhamente sincronizada, quando pisei em um galho sem querer, eu paralisei, perguntando-me se seria morta naquele instante.

Um deles colocou a língua para fora, testando o ar em minha direção e então, voltou a pastar, tendo os outros que lhe acompanhavam, seguindo o exemplo.

Respirei com alívio, voltando o meu caminho para o lago.

Alguns dos animais me deram uma olhada, mas não pareciam me ver como uma ameaça. Não fui atacada quando cheguei até o lago, dei uma breve olhada para trás antes de me agachar e começar a beber água.

Nenhum instinto gritou que havia algo errado na água, então quando um peixe caiu morto ao meu lado, quase tive um enfarte.

— O quê? — sussurrei, sentindo o medo me paralisar.

Outro peixe caiu ao meu lado, me assustando.

Me levantei rapidamente, vendo uma criatura pálida e cinzenta, quase translúcida, surgir no meio do lago. Ele, porque claramente era um ser do sexo masculino, piscou, uma membrana cobrindo seus olhos, lembrando-me os olhos de um crocodilo e aquilo foi o suficiente para levar os meus neurônios à loucura.

Dei meia volta, correndo como se o próprio diabo estivesse em meus calcanhares.

10

Não havia nenhum sinal de Rizan quando as estrelas alcançaram os céus, os barulhos eram assustadores, principalmente quando estava em um mundo que não tinha vantagem alguma para sobreviver.

Não percebi o quanto sentia falta do ninho até aquele momento.

Esfreguei meu ombro dolorido, sentindo o frio começar a congelar a ponta dos meus dedos. Havia conseguido subir em uma árvore, me escondendo entre os galhos mais finos na esperança de me manter livre de algum predador, meu único desejo era ficar viva até o amanhecer.

O que estava se provando uma tarefa cada vez mais difícil.

Apertei o galho em que me segurava com força, prendendo a respiração quando o barulho de vozes se tornou cada vez mais alto.

Vozes masculinas.

Eu não confiava em nenhum ser do sexo masculino que não fosse Rizan.

Dei uma breve olhada para baixo, vendo um grupo de quatro homens passarem debaixo da árvore onde estava escondida, eles eram enormes, com chifres pontudos e possuíam uma cauda, seus pés eram como os de um touro. Todos possuíam peles negras, variando desde um tom mais claro a um mais escuro.

Por um segundo, fiquei fascinada com a forma que caminhavam pela floresta, como se não tivessem medo de nada.

Todo o meu fascínio desapareceu quando vi que um deles carregava um machado em suas costas, o metal brilhou e eu desviei o olhar, mantendo minha atenção no céu escuro na esperança de ver asas marrons.

Não consegui dormir.

Por isso, observei com fascínio quando três pequenos sóis surgiram no céu, questionando-me como não havia visto aquilo antes.

Quando a dor em minha bexiga se fortaleceu, me obriguei a descer da árvore.

Além das marcas de pegadas no chão, não havia sinal algum dos minotauros ou de qualquer outro ser que houvesse passado por ali. Tentei não pensar nisso, enquanto me escondia atrás de um arbusto para urinar.

Meu alívio não durou quase nada quando ouvi um barulho vindo de trás de mim, todo o meu corpo pareceu congelar.

E então, não havia nada.

Confusa demais, mas confiando nos meus instintos de que não estava enlouquecendo, levantei minhas calças rapidamente para fugir dali.

Um chiado acima de mim, me fez parar.

Levantei a cabeça, a cor fugindo do meu rosto quando me deparei com uma cobra enorme de quatro olhos e pele vermelha me encarando.

Porra!

Eu comecei a correr.

Minha sorte estava acabando.

Eu tinha certeza disso.

O barulho de algo pesado caindo no chão me fez olhar para trás enquanto corria pela minha vida, a cobra havia se jogado da árvore e rastejava muito rapidamente em minha direção, a única coisa que consegui fazer foi correr em ziguezague em direção ao campo aberto. Mesmo que aquela cobra não fosse venenosa, tinha certeza que ela tinha força o bastante para quebrar todos os meus ossos e me engolir inteira.

Minha única opção seria ficar para enfrentá-la.

Eu parei de correr quando vi algumas pedras do tamanho do meu punho no chão, agarrei uma delas e joguei na direção da cobra.

Um grito estrangulado ecoou do animal quando a pedra atingiu sua cabeça. Para o meu desespero, ao invés de espantá-la, aquilo só lhe fez correr mais rápido e juro por Deus, havia ódio nos olhos daquela coisa.

Me virei, com o rabo entre as pernas e voltei a correr.

Minha corrida não durou muito tempo quando senti um vento forte a poucos metros de mim, a única coisa que enxerguei quando olhei para descobrir o que era a outra coisa que estava tentando me matar antes de cair de cara no chão.

Não parei para pensar, impulsionando meu corpo para cima e voltei a correr.

Um grito de águia ecoou, olhei para trás na esperança de encontrar Rizan, mas não havia nenhuma asa marrom para encarar.

Um homem-pássaro albino estava no chão, seus pés enormes e com garras haviam sido fincados na cabeça da cobra enquanto o corpo do animal se enrolava ao redor dele, tentando sufocá-lo, mas falhando miseravelmente. A cobra foi rasgada, sangue verde espirrando para todo lado e o ser de asa albina mal parecia ter suado.

Dei um passo para trás quando percebi que sua atenção estava voltada para mim.

— Oi — murmurei, levantando as mãos em sinal de rendição.

Ele me encarou com curiosidade, caminhando em minha direção com uma determinação assustadora e não havia nenhum lugar para correr.

O albino era muito maior que Rizan, tanto em altura quanto em músculos, seus cabelos eram muito brancos e estavam soltos, sem nenhum adereço como o de Rizan. Sua pele era muito branca, havia cicatrizes horríveis deformando seu corpo e um tecido branco cobria seus órgãos genitais, não pude deixar de reparar como seus olhos eram tão claros que chegavam a ser vermelhos.

— Escute, eu vou embora agora, tudo bem?

O homem virou a cabeça de lado, continuando a caminhar.

— Eu tenho um companheiro — gritei — e ele se chama Rizan, não posso ter nada com você.

O nome do meu homem-pássaro finalmente lhe fez parar, parecendo entender algo em minhas palavras, ele olhou ao redor e esfregou seus dedos no chão, sujando uma de suas asas e apontando para elas.

Quase gritei de alegria quando entendi o que ele estava tentando me dizer, antes que pudesse perceber, meus pés estavam

me levando até o estranho.

— Rizan, sim, Rizan — continuei a falar, apontando para mim — Rizan e Chloe.

Ele balançou a cabeça, parecendo afirmar e então, de repente, levantou vôo desaparecendo no ar.

— Ei! — gritei, mas não havia mais nenhum sinal dele.

Fiquei paralisada por alguns segundos, me perguntando por que diabos ele havia me salvado apenas para me deixar sozinha com o corpo de uma cobra gigantesca.

Resignada, decidi que o melhor a fazer seria esperar em uma árvore, o céu estava começando a escurecer e eu não queria estar no chão quando chovesse.

As tempestades eram horríveis, assim como tudo nesse lugar, exceto Rizan.

Esperava que ele me encontrasse logo.

11

O barulho das folhas de árvores sacudindo foi o que me despertou.

Olhei para cima, tendo o vislumbre de asas marrons cortando os céus e por alguns segundos, pensei que estivesse delirando devido ao cansaço.

Até que o grito de uma ave de rapina me fez pular.

— Chloe! — a voz de Rizan ecoou por entre as árvores.

Meu coração perdeu uma batida, me apressei em descer dos galhos e por pouco não caí de cara no chão com o meu desespero de chegar até ele.

Rizan parecia carregar a fúria de uma legião.

Havia sangue seco em seu peito, rosto e coxas, até mesmo em suas asas.

— Rizan — chamei.

Ele se virou para mim, sua expressão furiosa se suavizando.

— Chloe!

Tive apenas o vislumbre de suas asas batendo antes de seu corpo se chocar contra o meu, braços enormes estavam me

segurando em um aperto de aço.

Ofeguei, sentindo-me sem ar.

— Rizan, não consigo...

Ele se afastou, segurando meu rosto entre suas mãos.

— Você está machucada? — sua voz saiu alta, quase em meio a um grito — estive procurando por você, todos os dias, quando aquele *crilleon* te levou... Pensei que nunca mais te veria.

— Eu fiquei com tanto medo — sussurrei — tinha uma cobra gigante e homens com chifres...

— Sinto muito — Rizan murmurou, seu corpo começou a tremer.

O enorme pássaro caiu aos meus pés, enrolando seus braços ao redor das minhas coxas e sua cabeça se encostou em minha barriga.

— Sinto muito, minha companheira — ele chorou, me apertando com desespero — não sou digno de ter você em meu ninho.

— O quê? — guinchei.

Tentei segurar seu rosto entre minhas mãos, mas ele se recusou a encontrar meu olhar.

— Eu não sou digno — repetiu.

— É claro que você é — quase gritei, segurando seus cabelos entre os meus dedos numa tentativa desesperada de fazê-lo perceber — você é a melhor coisa que aconteceu comigo, Rizan. Você cuida de mim... Me deu uma casa, comida e amor... Eu nunca tive isso antes e...

Engasguei, sem saber mais o que dizer.

— Eu gosto de você... Realmente... Quero voltar para o ninho e ser a sua companheira, Rizan — confessei.

A verdade estava diante dos meus olhos todo esse tempo.

O tempo em que estivemos juntos me fez perceber o quanto senti sua falta, não conseguia me imaginar em outro lugar que não fosse ao seu lado, nem mesmo se houvesse uma chance de voltar para Nova York.

Não havia nada para mim lá.

Não como havia aqui no mundo das bestas, eu tinha alguém que me amava e era tudo que importava, havia um lar para mim.

Fiz a única coisa que poderia fazer para provar meu amor.

Eu o beijei.

Rizan pousou dentro da caverna assim que a chuva começou a cair sobre nossas cabeças.

Era como se os céus odiassem a nossa união.

— Como você me encontrou? — questionei, caminhando em sua direção — quero dizer, imagino que foi aquele homem com asas brancas que te trouxe até mim, mas ele não disse nenhuma palavra...

Rizan se virou para mim com uma expressão serena.

— Talon não fala ou escuta, mas é um dos *aisoils* mais fortes de nossas terras...

Lembrei-me automaticamente das várias cicatrizes em seu corpo.

O estranho era realmente um lutador.

— Ele matou uma cobra enorme...

Os braços de Rizan estavam ao meu redor antes que pudesse dar um passo muito distante, segurando-me firme.

— Devia estar lá para te proteger — murmurou.

A sensação de tranquilidade se apossou de mim quando senti seus dedos acariciando os meus cabelos, encostei meu rosto em seu peito, aproveitando o momento.

— Você está aqui — disse, lhe abraçando — é tudo que importa.

— Eu prometo, Chloe, nunca mais vou te deixar desprotegida e com medo, sempre estará segura comigo.

Meu coração acelerou com as suas palavras, porque no fundo, maldição, no fundo eu sabia que era verdade e me perguntava qual motivo estava negando a realidade.

Eu desejava o homem com asas.

— Me beije — pedi.

Rizan piscou, dando um passo para trás, como se estivesse com medo de tocar.

Sabia que era uma pergunta idiota, mas tinha que fazê-lo.

— Você já esteve com uma mulher antes?

Rizan balançou a cabeça, negando.

— Quero dizer, você sabe como funciona o sexo, não é? — questionei, me sentindo um pouco ansiosa.

Ele desviou o olhar.

Senti um sorriso trêmulo se formando em meus lábios com a constatação de que seria a primeira e a única mulher a estar com ele, porque com certeza não daria espaço para que outra mulher o roubasse de mim. Era esse sentimento possessivo que Rizan sentiu quando me levaram para longe?

— Já vi animais acasalando antes — respondeu, soando ainda mais envergonhado — mas, é comum para a minha espécie que as fêmeas tomem a iniciativa de acasalar.

O homem-pássaro era todo meu.

— Tire a roupa — ordenei.

Rizan assentiu, parecendo um pouco trêmulo quando puxou sua tanga de penas por entre pernas.

Tive quase vontade de rir com a ironia de vê-lo tremer a minha frente quando havia matado um ser monstruoso com as próprias mãos.

Ele poderia ser mais perfeito?

Retirei minhas roupas devagar, observando seus olhos se tornarem cada vez maiores quando fiquei nua em sua frente. Por um momento, me senti envergonhada por estar sem roupas, eu não ficava nua na frente de um homem há bastante tempo, mas não era como se ele tivesse visto outras mulheres para poder me comparar.

Segurei sua mão, o puxando em direção ao pequeno lago de água cristalina.

Não tive coragem de olhar para o meio de suas pernas e descobrir se éramos compatíveis, me recusava a ser uma covarde.

— Vamos tirar esse sangue de você primeiro — sussurrei.

12

Meus olhos viajaram pelo seu corpo, Rizan estava apenas alguns centímetros à minha frente. Ele havia me entregado uma folha com um estranho cheiro de hortelã, com uma espuma cor de rosa, ainda era bizarro com o tanto de coisas que se pareciam com as da terra.

Olhei para as suas asas enormes abertas, percebendo como seus ombros eram largos.

Fiquei na ponta dos pés e o beijei, enrolando minhas mãos ao redor de seu pescoço, o puxando para mais perto.

Deslizei minha mão pelo seu estômago molhado, sentindo a dureza de sua pele contra a maciez da minha.

— Você terminou? — sussurrei.

Rizan abriu os olhos devagar.

— Sim.

Assenti, dando um passo para trás e observando seu corpo nu.

Ele segurou minha mão, puxando-me em direção a areia. Rizan tinha um pau que me fez engolir em seco, era grosso e tinha um tom mais escuro que o de sua pele, a cabeça era em formato de cogumelo e tinha muitas veias. Seu pau já estava brilhando com o pré-sêmen, o que me fez lembrar que ele ainda poderia me engravidar.

Meu silêncio pareceu incomodá-lo quando ele de repente começou a balbuciar.

— Você se incomoda? Por eu não saber lhe dar prazer? Eu aprendo rápido... — falou, seu rosto se tornando apreensivo.

— Estou mais preocupada em ficar grávida, Rizan. Você parece pronto para fazer isso.

— Você não quer ter meus filhotes? — ele perguntou, parecendo assustado e até um pouco ofendido — sou um bom provedor, Chloe. Eu posso cuidar e proteger você, assim como qualquer filhote que tivermos... O que aconteceu, nunca mais vai se repetir.

— Eu só não acho que estou pronta para ser mãe agora — murmurei, segurando sua mão e o puxando para perto de mim novamente.

Rizan assentiu devagar.

— Se você me ensinar, eu posso te dar o prazer que você precisa.

Eu sorri, acariciando a curva do seu quadril.

— Podemos ter nosso prazer juntos — sussurrei, empurrando-o para deitar no chão arenoso.

Rizan fez o que eu pedi, havia uma confusão e excitação em seus olhos que me deixou eufórica. Eu nunca tinha me sentido assim com alguém.

Assim que Rizan se deitou no chão, subi em seu colo.

Encarei seu rosto ansioso, seu pênis estava duro como uma pedra e quando encostei meu clitóris em seu comprimento, me esfregando devagar, Rizan soltou um gemido estrangulado. Eu esfreguei meu clitóris no seu pau com mais força, certificando-me de que não estava chegando até a ponta molhada, apenas o comprimento.

Agarrei seus pulsos, colocando suas mãos sobre os meus peitos e observei como seus olhos se arregalaram de surpresa.

— É tão... macio — Rizan murmurou.

Droga, ele tinha que ser tão perfeito?

A ideia de ter filhos híbridos não parecia tão ruim quando Rizan me olhava como se fosse a única coisa que importava para ele, como se fosse todo o seu mundo.

Foda-se o autocontrole, eu precisava senti-lo dentro de mim.

Espalmei uma de minhas mãos em seu tórax, me erguendo um pouco e com a outra, segurei seu pau, o guiando para dentro de mim.

Se esfregar em seu pau como uma mulher desesperada me deixou mais molhada do que esperava, mas ainda senti um pouco de ardência quando a cabeça de seu pênis começou a entrar numa picada dolorida e escaldante, que droga, ainda assim eu precisava de mais.

— Chloe — ouvi-lo gemer, impulsionando-me a continuar.

Ondas de calor se espalharam pelo meu corpo enquanto deslizava para baixo, tomando um pouco mais de seu comprimento, ele era muito mais grosso do que esperava. Suas mãos caíram para minha cintura, impendendo-me de ir muito rápido.

Encarei sua expressão meio dolorida, me sentindo um pouco melhor por não ser a única sofrendo.

— Rizan — chamei, puxando uma de suas mãos da minha cintura e guiando até o meio das minhas pernas — aqui é o meu clitóris, está vendo?

Rizan parecia prestes a ter um colapso, mas ele assentiu devagar.

— É onde sinto mais prazer, você deve estimular com os dedos ou com a língua — murmurei.

Senti seu dedo polegar fazendo círculos em meu clitóris, a junção de seu pênis me alongando e os movimentos lentos me fizeram tomaram tomar mais um pouco dele, transformando a dor em apenas um fantasma.

Fechei os olhos, aproveitando a sensação e comecei a me mover, apoiando minhas mãos em sua coxas.

— Chloe! — ele ofegou, seu corpo endurecendo quando gozou de repente.

Senti seu esperma escorrer pelas minhas coxas, quente e pegajoso. Rizan abriu os olhos, me encarando envergonhado.

— Chloe, eu...

— Tudo bem — disse, saindo de cima dele — você ainda pode me agradar se outra forma.

O brilho malicioso surgiu em seus olhos, Rizan me agarrou pela cintura e nos virou com uma facilidade impressionante, revelando o quão forte ele era e aquilo, estranhamente, me deixou ainda mais excitada.

Ele beijou meus lábios antes de deslizar para entre as minhas coxas, sua língua pressionando meu clitóris com tanta força que me fez arquear.

— Oh, sim, desse jeito — gemi, agarrando seus cabelos, incentivando-o a continuar.

Poderia fazer isso o dia todo.

13

Rizan não estava mentindo quando disse que aprendia rápido.

Meus olhos se reviraram nas órbitas quando ele adicionou um pouco de pressão no meu clitóris com a sua língua, colocando sua mão em meu estômago, mantendo-me presa no lugar quando sua língua se moveu em círculos lentos e torturantes. Então, meu corpo sacudiu violentamente quando ele começou a sugar, sua boca quente me envolvendo.

— Rizan! — eu gritei, segurando seus cabelos numa tentativa desesperada de parar aquela sensação poderosa.

O som dos meus gemidos pareciam ecoar através das paredes da caverna.

Um orgasmo poderoso me atingiu, estrelas flutuando através dos meus olhos e senti como se estivesse descendo das nuvens quando ele continuou a me lambe.

Senti suas mãos me agarrando, numa tentativa de nos virar e eu não consegui me mover, com o qual fraca o orgasmo me deixou.

— Não, me foda dessa forma — pedi.

Ele olhou para mim, parecendo confuso.

— Mas, essa não é a posição correta...

Pressionei meus lábios nos seus, o calando.

— Não há posição correta, amor — murmurei, desesperada para obter seu pau me esticando até doer — entre em mim dessa forma, vai ser bom, eu prometo.

Rizan se ergueu, apoiando suas mãos ao lado da minha cintura e isso me deu liberdade para abrir mais as minhas pernas, erguendo meus quadris em sua direção. Seu corpo estava tenso quando começou a empurrar, parecendo inseguro sobre o que fazer.

Acaricieei suas costas suadas, apreciando o quão incrível ele era.

— Eu não vou quebrar — sussurrei.

Estiquei meus braços, agarrando sua bunda, incentivando-o a continuar.

Movimentei meus quadris, observando sua expressão de prazer quando minha vagina sedenta engoliu um pouco mais de seu pau

monstruoso.

Aquilo foi o suficiente para que Rizan perdesse o controle, suas estocadas lentas começaram a se tornar mais fortes. Um movimento desesperado e febril que me deixou sem forças para acompanhar suas estocadas, podia senti-lo em toda parte, me esticando até a boca do meu ventre. Não conseguia pensar em mais nada, o barulho de pele batendo contra a pele com os nossos corpos trabalhando em busca de prazer me deixavam mais excitada.

Enrolei minhas pernas ao redor de sua cintura, suas estocadas eram fortes e rápidas, fazendo meu corpo tremer e toda vez que nossas pélvis se tocavam, sentia um orgasmo poderoso sendo construído.

Rizan agarrou meu rosto, beijando-me como um homem desesperado, mas tudo que conseguia me concentrar em como era bom tê-lo tão profundamente.

Um orgasmo me atingiu, tensionei meu corpo numa tentativa desesperada de que aquela sensação durasse para sempre.

Meu homem-pássaro veio logo depois, seu esperma quente me preenchendo e o senti escorrer.

Ele caiu em cima de mim, seu peso por um pouco não me sufocando.

— Isso foi... — Rizan sussurrou.

Beije seus lábios.

— Eu sei — sussurrei de volta.

Rizan saiu de dentro de mim devagar, seu corpo pesado caindo ao meu lado e seus movimentos lentos me deixaram alegre ao perceber que não era a única com dificuldade de se mover. Ele me puxou para perto, aproveitei para usar seu peito como travesseiro e tracei uma linha invisível em seu peito suado, tentando organizar meus pensamentos.

— Como as mulheres gestam? — perguntei, sentindo uma pontada de curiosidade começar a me corroer — não há nenhuma possibilidade de que eu coloque um ovo, não é?

Meu homem-pássaro gargalhou, puxando-me ainda mais para perto.

— Não — ele riu, acariciando minha cabeça — não tenho certeza, mas lembro de meu pai contando que minha mãe ficou grávida por sete meses, foi assim que ela nomeou. Mas, não entendo quanto tempo isso significa em nosso mundo.

— Eu sei, é uma gravidez mais rápida do que a gestação de um bebê completamente humano — sussurrei.

Rizan se ergueu pelos cotovelos, me observando com uma expressão preocupada.

— Os filhotes de aisoils não nascem com asas ou garras para não ferirem suas mães, Chloe — murmurou — crescem apenas três luas após o nascimento.

— Tudo bem.

Não demorou muito para que caíssemos em um sono profundo, em algum momento o ouvi sussurrar.

— Eu te amo, Chloe.

Nós passamos três dias dentro daquela caverna.

Eu não tinha nenhum desejo de abandoná-la, mas Rizan insistiu que precisávamos voltar para o ninho, onde era realmente seguro.

Me sentei na beira do lago de água cristalina, observando meu reflexo corado.

Comecei a trançar meus cabelos, esperando que os fios loiros não atrapalhassem a nossa viagem ou se transformassem em nós.

— Não faça isso no cabelo — Rizan meio que gritou.

Eu parei, virando-me para ele com preocupação e confusa demais para argumentar.

— Não trance os cabelos — repetiu, seu tom soando mais firme.

Estreitei os olhos, confusa.

— Por quê? — indaguei.

Rizan se aproximou, desfazendo as tranças dos meus cabelos com uma careta de nojo.

— É o que os *hors* usam para demonstrar que estão acasalados — cuspiu — e você é a minha companheira, não deve usar isso.

— Okay — cantarolei, ainda perdida com o seu argumento — e como a sua espécie demonstra que está acasalada?

Rizan parou por um momento, me olhando com surpresa.

— Nós pintamos o rosto com desenhos iguais — respondeu.

Assenti, me levantando e o encarei.

— Vamos fazer isso — afirmei — traga a tinta e vamos finalizar a nossa união.

Rizan piscou, paralisando por alguns segundos.

— Eu volto logo.

O vento frio me atingiu quando Rizan bateu suas asas, voando para fora da caverna numa velocidade surpreendente, desaparecendo no céu sem nuvens.

14

— Onde você conseguiu um espelho? — gritei, surpresa demais para conseguir me mover para fora da cama.

Assim que Rizan terminou de pintar os nossos rostos, nós voamos de volta para o ninho.

Foi uma visão fascinante ver os três sois se pondo, eles se juntavam e formavam apenas um, brilhando mais forte por alguns segundos antes desaparecer no horizonte infinito. Meu maior temor era encontrar o passarinho gigante de seis asas, mas o voo foi rápido e nós chegamos ao ninho sem nenhum problema, era como se nada houvesse mudado.

Rizan me entregou um espelho de mão, de cor dourada com folhas e flores bordadas na parte de trás, parecendo ter saído diretamente de um século passado.

— Estava no antigo ninho de meu pai — murmurou, tocando meu joelho — ele manteve guardado os tesouros de minha mãe, tudo permanece lá.

Senti as pontas de seus dedos deslizando pelos meus fios soltos, ainda esperava encontrar uma forma de prendê-los.

— Como sua mãe possuía um espelho desse, parece... — parei de falar, observando o espelho com atenção e parecia ouro — estranhamente original.

— Não sei o que isso significa.

Toquei minha testa, observando as linhas vermelhas que passavam pelas minhas bochechas e subiam em direção a minha testa, como se raios tivessem sido esculpidos em meu rosto.

Rizan possuía o mesmo desenho, parecendo uma complementação do meu.

— Gostei do que você fez — disse, traçando as linhas com as pontas dos dedos — quanto tempo a tinta dura em nossa pele?

— Muitas noites.

— Tudo bem — cantarolei, apreciando o pequeno pedaço do mundo humano que havia em minhas mãos — acho que posso lidar com isso, mas como irei prender meu cabelo?

O homem-pássaro sorriu, caminhando em direção às prateleiras, revelando com alegria um pente feito de ossos e um cordão de couro.

— Você irá fazer isso? — zombei um pouco — pentear meus cabelos?

— Sim — respondeu — vire-se de costas.

Fiz o que ele ordenou, sentindo seus dedos começando a trabalhar em meus fios.

Rizan foi perturbadoramente cuidadoso.

Senti o pente passando em meu couro cabeludo, desembaraçando os fios aos poucos, trazendo memórias que gostaria de esquecer.

O rosto da minha irmã mais velha surgiu através das minhas pálpebras fechadas, Camille foi a primeira a nos abandonar, deixando minha mãe, meu padrasto e eu para trás. Quando minha mãe preferiu meu padrasto, um homem estúpido que gostava de roubar seu dinheiro, fui obrigada a deixar minha própria casa.

Limpei uma lágrima que escorreu pela minha bochecha, deixando as memórias para trás.

Não precisava mais me preocupar.

Eu tinha alguém que me amava, que lutou e matou por mim... Alguém que nunca deixou de me procurar, era a única coisa que importava, ter Rizan ao meu lado. E se precisava viver em um mundo cheio de monstros, foda-se, estava feliz em estar aqui onde possuía um lar verdadeiro.

— Você está bem? — Rizan sussurrou, colocando as mãos pesadas sobre os meus ombros.

— Sim — sussurrei — apenas memórias ruins...

Rizan encostou sua cabeça em meu ombro.

— Memórias do seu mundo?

Assenti devagar, tocando a sua mão.

— Ninguém mais vai te fazer chorar, Chloe, eu prometo. Sempre estará segura ao meu lado, no nosso ninho — disse, beijando minha têmpora — quer ver seu cabelo?

— Sim — sussurrei.

Me virei, ficando de frente para ele.

Rizan estava segurando o espelho e observei o rabo de cavalo preso no alto da minha cabeça, o comprimento enrolado por um fio fino de couro até a ponta.

— Aqui, fiz isso para você — disse, mostrando uma tiara de contas.

Rizan a colocou sobre minha cabeça, erguendo o espelho novamente a minha frente, observei as pequenas contas caírem em minha testa se abrindo numa camada mais longa até as minhas têmporas lembrando uma tiara árabe. Não me passou despercebido que eram da mesma cor que as penas que ele usava nos cabelos, vermelho e amarelo.

Fiquei de pé na cama, abraçando-o e beijando seu rosto.

— Obrigada, é muito bonita.

Rizan me pegou no colo, nos rodopiando pelo ninho. Sim. Eu estava em casa.

15

Perdi o fôlego quando as mãos de Rizan se firmaram em meus quadris, me virando com rapidez, entre lufadas de ar e gemidos, tentei acompanhar seu ritmo frenético, colocando-me de quatro no meio da campina.

Olhei para o céu, sentindo meu corpo tremer de felicidade com o gosto da liberdade.

Enrolei a grama entre os meus dedos quando senti sua boca se fechar em minha vagina, sua língua começou a se mover, uma de suas mãos caindo para as minhas costas empurrando meu tronco para baixo. Minha bunda estava exposta para que ele fizesse o que desejasse.

— Rizan — gemi.

Mal conseguia respirar quando Rizan afundou suas mãos uma em cada lado do meu quadril, sugando com mais força.

— Isso é tão bom...

Sentia um orgasmo começando a se formar, estava tão desesperada pelo clímax que comecei a empurrar minha bunda em direção ao seu rosto. Ele apertou com tanta força que tinha certeza que marcas ficariam para trás, mas não me importava.

De repente, sua língua foi substituída por seu comprimento.

A intrusão repentina me fez arquear, o barulho molhado de seus movimentos dentro de mim pareciam ecoar por toda a parte.

Deus!

Isso era muito bom.

As estocadas de Rizan se fortaleceram, ele grunhiu, mantendo-me presa numa âncora de prazer. Toquei meu baixo ventre, mordendo o lábio inferior ao sentir o quão profundamente ele estava dentro de mim e parecia que não iria a lugar algum.

Senti-lo retirar seu pau completamente, voltando para dentro com tanta força que um orgasmo explodiu dentro de mim.

Rizan gozou logo depois, tão forte que caiu sobre mim, por pouco não me esmagando.

— Você é pesado — ofeguei.

Ele beijou minhas costas.

— Desculpe.

Rizan saiu de dentro de mim, soltando um gemido baixo e se deitou ao meu lado. Me virei, encarando seu rosto cheio de alegria.

— O que nós estávamos indo fazer? — murmurei, controlando uma risada.

Observei-o sentar, colocando a mão sobre minha barriga.

— Visitar o ninho em que cresci — Rizan sussurrou, suas carícias em minha pele fazendo um arrepio subir pela minha espinha — está tudo bem?

Balancei a cabeça, assentindo.

— Estou perfeitamente bem.

Rizan trouxe sua bolsa para o colo, tirando de lá um pedaço de pano que usou para limpar seu esperma das minhas coxas com muito cuidado.

Puxei o vestido para baixo, lembrando-me que não estava usando nenhuma calcinha.

Minhas pernas estavam tremendo quando comecei a me levantar, Rizan segurou minha mão, puxando-me para perto.

— Está ali — falou, apontando em direção a copa das árvores.

Suas mãos pressionaram a minha cintura num aperto firme, o barulho de asas batendo ecoou, o vento sacudiu meus cabelos e a grama abaixo de nós, então meus pés não estavam mais tocando o chão.

A sensação de voar ainda me deixava maravilhada, como estar flutuando em um sonho do qual nunca gostaria de acordar.

Rizan pousou em um dos galhos mais grossos, olhei para baixo, sentindo um frio no estômago. Deveríamos estar a mais de quarenta metros do chão e ele mal havia batido suas asas, ainda era impressionante o quão forte Rizan poderia ser.

— Venha, podemos ir andando a partir daqui.

Tentei não olhar para baixo enquanto caminhávamos pelos galhos, as árvores pareciam se interligar através deles, nos levantando até um tronco com uma abertura.

— Você cresceu aqui, então? — questionei.

Rizan se limitou a assentir.

Passei pela abertura, entrando na árvore. O lugar cheirava a poeira, apesar de estar iluminado e com muitas flores luminescentes, também tinha uma cama ninho um pouco maior do que Rizan havia feito. Para a minha surpresa, também havia baús.

— Pegue o que quiser, companheira.

Fui em direção a um dos baús, curiosa sobre uma estranha teoria que havia se formado em minha mente. Me ajoelhei em frente ao primeiro baú, havia muitos vestidos e todos pareciam ter saído da era vitoriana.

— Essas eram as roupas da sua mãe? — questionei.

— Sim — ele murmurou, se aproximando — a algo de errado?

— Não, é só que... Essas roupas são antigas até para o meu mundo, devem ter mais de cento e sessenta anos, eu não entendo como você pode ser tão jovem se... — parei de falar quando percebi a confusão em seu rosto.

— Nossos mundos são semelhantes, mas não iguais, Chloe.

Balancei a cabeça, concordando.

— O tempo é estranho aqui.

Um grito estrangulado e feminino ecoou de algum lugar, cessando toda a calma da floresta, me levantei rapidamente, correndo para fora da árvore.

Rizan veio atrás de mim, segurando meu pulso.

— O que você está fazendo?

Ele grunhiu.

— Você pode cair — resmungou.

Abaixo de nós, uma multidão de animais passou correndo como se estivessem fugindo do próprio diabo.

— O que está acontecendo? — gritei, olhando para Rizan, me sentindo em pânico.

Rizan fez uma careta.

— Hors — cuspiu.

Olhei mais uma vez para baixo, tendo apenas o vislumbre de um homem com chifres correndo e para o meu completo desespero, havia uma mulher gritando em seu ombro.

Um grito de águia ecoou acima de nós, fazendo com que Rizan voltasse a me empurrar para dentro da árvore.

— Entre, agora — ordenou.

— Espere — falei, tentando voltar e senti as lágrimas encherem meus olhos — temos que ajudá-la.

— É tarde demais — Rizan disse, me puxando para perto — a humana pertence a ele agora, o hors matará qualquer um que tentar roubá-la, até mesmo você, Chloe. Sinto muito, me peça qualquer coisa, exceto isso.

— Mas... — tentei argumentar, mas senti um nó se formar em minha garganta.

Rizan estalou a língua, voltando-se para mim com um olhar enfurecido e ao mesmo tempo, aterrorizado.

— Eu não vou te perder de novo! — berrou, seu desespero sendo revelado através de sua voz.

As asas dele se abriram, batendo com violência.

— Ei, se acalme, não vou a lugar nenhum...

Não poderia fazer isso, mesmo que quisesse, pertencia a Rizan, assim como ele pertencia a mim.

16

Quando Rizan teve certeza de que estávamos seguros, nós voamos de volta para a nossa casa.

O mundo parecia diferente dessa vez.

Eu não era mais a única mulher nesse lugar estranho e cheio de homens híbridos de animais, com pássaros esquisitos e grandes demais para a terra, e comidas bizarramente doces. Mas, ainda assim, não sentia falta da terra, como poderia?

— Você está com raiva de mim? — Rizan questionou, parando em frente à cama onde estava sentada boa parte da manhã.

Deixei o vestido que estava tentando costurar de lado.

— Não — sussurrei.

Senti sua mão pousar em meu joelho, seus olhos caindo para a minha barriga com interesse.

Toquei meu estômago e Rizan voltou a me encarar.

— O que há de errado?

— Eu acho que consigo... — ele engasgou.

Saí da cama, ficando parada em sua frente e sua expressão ansiosa apenas me causou mais preocupação.

— Rizan? — gritei.

Ele caiu aos meus pés, agarrando minha cintura e cheirou a pele da minha barriga.

— Consigo sentir o cheiro do nosso filhote — disse, sua risada quebrando o silêncio — nosso filhote, Chloe...

Uma onda de choque percorreu meu corpo, me deixando paralisada por alguns segundos.

— Eu... Eu... Estou grávida? — indaguei, tentando controlar

Toquei seus pulsos, o afastando.

Rizan se levantou, as asas se escolhendo e percebi a tristeza tomar conta de sua expressão outrora alegre.

— Você está com raiva? — perguntou.

Engoli em seco, voltando a tocar sua mão.

— Estou com medo.

— Posso cuidar de você e do nosso filhote, te proteger e ao nosso ninho... Nunca mais vou deixar que alguém te machuque, Chloe.

Forcei um sorriso, beijando sua bochecha.

— Não é sobre isso — disse, controlando as lágrimas.

Estava ocorrendo tudo tão bem que tinha medo de estar sonhando, Rizan me envolveu num abraço apertado, segurando-me com ternura. Seu toque foi o bastante para me reconfortar, encostei minha cabeça em seu ombro, inalando o cheiro de sua pele.

— Tenho medo de acordar e descobrir que nada disso é real, eu nunca me senti assim antes, tão... Feliz — confessei.

Rizan segurou meu pulso, colocando a mão sobre o seu peito.

— Sinta o meu coração, companheira — sussurrou, me permitindo sentir as batidas aceleradas que soavam como uma melodia que apenas eu poderia ouvir — ele bate por você e apenas por você, se isso for um sonho, imploro a Azarae que nunca me permita acordar. Por que eu te amo, Chloe e amarei apenas você até o fim dos meus dias.

As lágrimas escorreram pelas minhas bochechas, o prenúncio de uma nova vida parecia prestes a ser anunciado.

— Eu também te amo.

E naquele momento, o mundo ao meu redor pareceu desaparecer e tive certeza de que estava finalmente em casa.

FIM

Prévia do segundo livro...

Khaos – World of Beasts

Pesadelo.

Essa era a única resposta possível para o que estava acontecendo.

Tinha que ser ou talvez estivesse enlouquecido, não havia nenhum histórico de doenças mentais na minha família, mas essa poderia ser uma possibilidade muito boa para acreditar no que estava diante dos meus olhos.

Um homem com chifres.

Sequer sabia se realmente poderia classificá-lo assim, não havia nada de humano nele, mas não possuía dúvida alguma de que a criatura era do sexo masculino.

O apêndice enorme entre suas pernas deixava isso bem claro.
Quais eram as chances?

(...)

Ele era enorme.

Todo o seu corpo parecia ter sido construído por músculos poderosos. Sua pele era preta, tão escura como as penas de um corvo, eu nunca havia visto um tom de pele assim. Os ombros eram largos, o estômago tonificado e as pernas muito grossas, não havia nenhuma gordura em seu corpo. Seus cabelos eram pretos, lisos e longos, presos em um rabo de cavalo baixo

Era impressionante, certamente o homem poderia ser alguém capaz de matar os monstros da selva com apenas as suas mãos.

Mordi meu lábio inferior, observando-o esfregar seu estômago com uma grande folha rosa, para a minha surpresa, acabou se transformando em espuma quando ele a esfregou em seu corpo com suas mãos enormes.

Anotei mentalmente que precisaria de uma daquelas quando tivesse a oportunidade de tomar um banho.

Estava começando a feder.

Deveria ter voltado para a segurança da minha toca, eu sabia disso, mas após tanto tempo sem a presença de algo parecido com a minha própria espécie, fiquei fascinada pelo espécime masculina.

Mais fascinada do que deveria, admito.

Havia um brilho de inteligência em seus olhos que não existia em nenhuma outra espécie.

(...)

Minha felicidade não demorou muito tempo.

Olhei para trás, sentindo as batidas do meu coração tomarem voo quando encarei os olhos amarelos do estranho.

Havia tanto choque em seu rosto quanto tinha no meu, teria gargalhando de nervosismo, mas a situação era tão assustadora que sequer conseguia me mover.

— Humana — ele disse, seu sotaque era carregado, a voz profunda, quase animalesca, mas consegui entender cada letra.

E isso, me assustou mais do que qualquer monstro bizarro de seis patas.

Antes que pudesse pensar, minhas pernas começaram a se mover, a adrenalina me impulsionando a correr cada vez mais rápido em direção a segurança da minha toca.

Me lancei para dentro do buraco.

A luz começou a se infiltrar através das rachaduras quando o teto começou a desabar sobre a minha cabeça.

Fiquei paralisada, questionando-me se deveria permanecer na toca e morrer sufocada, ou pior, enfrentar o homem enorme do lado de fora.

Mais terra caiu sobre a minha cabeça.

Comecei a rastejar para fora, temendo morrer sufocada. Assim que alcancei a entrada, o humanoide com chifres estranho surgiu na minha frente, tentei recuar, mas não havia como.

Era tudo culpa dele.

Destruindo meu único lugar seguro e me expulsando como um animal.

Mãos enormes agarraram meus pulsos, me puxando para fora da toca antes que fosse esmagada por uma pilha enorme de terra seca.

Nós caímos.

Minha cabeça batendo em seu peito com força e eu gemi de dor, sentindo o meu mundo girar.

Lutei contra o seu aperto em minha cintura, meu corpo escorregando porque ele estava ensaboado e essa não era a pior parte, quando tentei me mover para baixo, senti algo duro cutucar minha bunda.

Olhei para o rosto dele em choque, sentindo todo o meu corpo gelar.

Maldição!

Ele tinha uma ereção.